



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

PRESIDENTE: EDIR SALES

TIPO DA REUNIÃO: Audiência Pública
LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo
DATA: 9 de junho de 2025

OBSERVAÇÕES:

- Palavra ininteligível
- Manifestação fora do microfone

21182

A SRA. PRESIDENTE (Edir Sales) – Boa noite a todas e a todos.

Como eu já falei anteriormente, com a nossa querida conselheira e as outras conselheiras também, explicando que tenho outro evento agora. Nada melhor do que o Vereador que propôs esta audiência pública venha presidi-la.

Eu acho muito importante que cada Vereador presida a sua audiência pública, que é um tema tão importante, 90 anos da Biblioteca Pública. Ah, o Rá-Tim-Bum lá, o Rá-Tim-Bum está com a gente hoje. Fantástico.

Esta audiência homenageia os 90 anos da Biblioteca Pública. Como ele falou, o Rá-Tim-Bum falou agora, que o Mário de Andrade tirou a biblioteca de espaços fechados e levou para as escolas. Fantástico.

Nosso querido Vereador Professor Toninho Vespoli é quem vai presidir a sessão, foi quem fez o requerimento solicitando esta audiência pública de hoje.

A gente sempre fala, não é Toninho, que a rede social hoje, a *internet*, vicia muito a meninada a copiar e colar, copiar, colar, copiar e colar. Nós que somos da área do ensino, a gente sabe a importância que tem a leitura. É fundamental.

Eu quero primeiro é anunciar o Vereador Professor Toninho Vespoli, presente. Eu Vereadora Edir Sales, Presidente da Comissão de Administração Pública. Presidindo a Comissão de Administração Pública, declaro aberto trabalho da 2ª audiência pública do ano de 2025, convocada para hoje, 09/06/2025.

Informo que essa reunião está sendo transmitida pelo portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditorios-online.

O tema como nós falamos, agora, é 90 Anos do Sistema de Bibliotecas do Município de São Paulo, concursos públicos para biblioteca públicas e CEUs, bem como abertura das novas bibliotecas públicas.

Conforme requerimento 16/2025, de autoria do nobre Vereador Professor Toninho Vespoli.

Foram convidados: Sra. Ana Cláudia Martins, Presidente do Conselho Regional de

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: **21182** DATA: **09/06/2025** FL: **2** DE 50

Biblioteconomia; a Sra. Dalgiza Andrade Oliveira, Presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia; o Sr. Pascoal Ferreira da Conceição, ator, dublador, produtor teatral e diretor brasileiro. Muito obrigada.

Vou passar a Presidência para o nobre Vereador Professor Toninho Vespoli, que solicitou essa audiência pública hoje.

Boa sorte, Vereador Toninho.

- Assume a Presidência o Sr. Vereador Professor Toninho Vespoli.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Vereadora Edir, a Presidente da Comissão de Administração Pública.

Vou suspender a sessão por 10 minutos, Edir, porque a gente marcou às 19h, o pessoal sempre vai demorar um pouquinho, porque a cidade é muito doida. A gente conhece. Começaremos às 19h15, pode ser assim?

A SRA. EDIR SALES - Está ótimo.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Então estão suspensos os nossos trabalhos.

- Suspensos, os trabalhos são reabertos sob a Presidência do Sr. Vereador Professor Toninho Vespoli.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Boa noite. Vamos retomar a abertura da nossa audiência pública, com a Vereadora Edir Sales, que é a Presidente da Comissão de Política Urbana. Como tirar o som? (Pausa) Agora surgiu um defeito técnico.

A Vereadora Edir Sales, que é a Presidente da Comissão de Administração Pública... Para vocês verem como eu já estou cansado. Visitei cinco escolas na região do Itaim Paulista e São Miguel Paulista. A Vereadora Edir Sales já fez a abertura, estamos retomando.

Para compor a Mesa, chamo a Sra. Ana Cláudia Martins, Presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia - CRB 8. Inclusive, foi a Ana que, na verdade, pediu essa audiência pública, nosso mandato aprovou, na Comissão de Administração Pública. Foi ela também que mais ou menos formatou um pouco a discussão que nós vamos realizar hoje na audiência

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 3 DE 50

pública.

Chamo a Sra. Dalgiza Andrade Oliveira, Presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia - CFB, e o Sr. Pascoal Ferreira da Conceição, ator, dublador, produtor teatral e diretor brasileiro. Queria chamar também, a Sra. Paula Stefanny Felice de Oliveira, representante da Coordenadoria dos Centros Educacionais Unificados e da Educação Integral – COCEU.

Foi também convidado o Sr. José Antônio Silva Parente, Secretário Municipal de Cultura. Ele não tinha confirmado. Nós tínhamos a expectativa que mandaria um representante, até porque nós temos bibliotecas da educação e da cultura. Caso compareça o Secretário ou algum representante, nós convidaremos para compor a mesa.

A ideia é que cada um fale durante cinco minutos. Depois, nós daremos algumas falas um pouco estendidas para algumas pessoas. Depois aí eu voltar falando na sequência, está bem? Começaremos pela Sra. Ana Cláudia.

A SRA. ANA CLÁUDIA MARTINS – Olá. Boa noite a todos e todas.

Eu gostaria de agradecer ao Vereador Professor Toninho Vespoli por ter acolhido essa solicitação.

Eu gostaria também de cumprimentar a Mesa, a Presidenta Dalgiza, do Conselho Federal, ao querido Pascoal da Conceição e à Paulinha por estarem aqui somando com a gente.

Desculpem que eu estou com a minha voz meio rouca. É essa questão do tempo.

Eu gostaria também de cumprimentar a todos que estão presentes, que pegaram uma fila enorme para entrar. Também gostaria de cumprimentar as pessoas que estão nos acompanhando e agradecer por estarem conosco, para somar nessa luta que a gente tem para melhorias das bibliotecas públicas da cidade de São Paulo.

É uma honra estar, nesta audiência pública, para debater um tema tão crucial para o acesso da informação, da cultura, da educação e a valorização dos bibliotecários, bibliotecas e das bibliotecas públicas da cidade de São Paulo.

As bibliotecas são espaços de conhecimento, inclusão e transformação social. Elas não apenas promovem o estímulo à leitura, mas também fortalecem a cidadania e servem como

pontos de encontros para a comunidade.

Bibliotecas Públicas de São Paulo são motivo de muito orgulho. Temos 119 bibliotecas e serviços de extensão. No entanto, para atender adequadamente a nossa população, que está em torno de 12 milhões de habitantes, essa estrutura de bibliotecas, esse número de bibliotecas, é insuficiente para o porte da nossa cidade. E precisa ser ampliado.

Se dividirmos o número total de habitantes com o número de bibliotecas, cada biblioteca teria que atender a mais ou menos cem mil pessoas, número muito alto para oferecer um serviço de qualidade, acessível a todos e todas, na maior e na mais populosa cidade da América Latina.

Para efeito de comparação, a Unesco recomenda que haja uma biblioteca pública para cada 10 mil habitantes em áreas urbanas. Se seguirmos esse parâmetro, São Paulo deveria ter 1.200 bibliotecas, ou seja, quase 10 vezes mais do que possui atualmente.

Para que as bibliotecas públicas cumpram plenamente a sua função, é essencial que elas sejam bem equipadas com acervos amplos, diversificados e atualizados. O acesso a novos títulos fortalece a educação, incentiva o hábito à leitura e estimula que a população tenha informação de qualidade. Infelizmente, os dados demonstram que essa renovação tem sido insuficiente. Nos últimos três anos, não houve aquisição de livros.

Além disso, a extensão e a renovação do acervo devem ser conduzidas por bibliotecários, profissionais essenciais para a curadoria e organização da informação para disseminar o conhecimento. Para isso, concursos públicos são urgentes. O último concurso foi realizado na gestão de 2003 a 2016, ou seja, são três gestões. Não basta apenas garantir bibliotecas, que as bibliotecas existam. É fundamental que estejam abertas, com seu acervo relevante atualizado, com a presença de profissionais especializados, e que estimulem desde cedo a formação do leitor.

Dentro desta audiência, eu gostaria de deixar também registrada a falta da infraestrutura em bibliotecas, que vai desde a falta de material de insumo para desenvolver atividades, à falta de mobiliário e condições prediais adequadas.

A Lei Federal 15.100, deste ano de 2025, que proibiu o uso de celulares em ambiente escolar, já demonstrou impacto positivo. Houve um aumento significativo na circulação de alunos e alunas nas bibliotecas, e isso reforça a necessidade de políticas públicas que fortaleçam e ampliem esses espaços, aproveitando essa nova demanda para incentivar ainda mais o hábito da leitura, conforme informado e divulgado amplamente em diversos veículos de comunicação.

Reafirmamos o compromisso em defesa das bibliotecas públicas e da valorização dos profissionais bibliotecários. Que esta audiência seja o marco de uma construção de políticas públicas que garantam a preservação, a expansão e a qualificação das bibliotecas, bem como a valorização de seus profissionais, os bibliotecários e bibliotecárias, assim promovendo sempre um acesso democrático ao conhecimento.

Para finalizar, o conselho é um órgão fiscalizatório. Entretanto, nós nos preocupamos com as condições de trabalho dos bibliotecários e com as condições da infraestrutura que têm as bibliotecas. Assim, partindo disso, nós achamos pertinente ter uma zeladoria, vamos dizer assim, por esses equipamentos. Então, nós conversamos sobre isso com o Vereador Professor Toninho Vespoli, que é nosso parceiro, e achamos que seria conveniente ter uma audiência pública, até para essa cobrança mesmo, de melhorias do sistema, ainda mais celebrando os 90 anos do sistema de bibliotecas públicas.

Era isso. Boa noite. Agradeço a todos por estarem aqui.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Agora, nós vamos escutar a Presidenta do CFB, Sra. Dalgiza.

A SRA. DALGIZA ANDRADE OLIVEIRA – Boa noite a todos. Eu gostaria de saudar os presentes em nome da 20ª Gestão do Conselho Federal de Biblioteconomia, numa noite bastante instigante. Eu não poderia deixar de parabenizar a iniciativa do Conselho de São Paulo da 8ª Região por essa iniciativa e também agradecer ao Vereador pelo acolhimento da temática. Eu sei que atualmente é um companheiro comprometido com essas causas, e com o acolhimento dessa discussão tão importante que envolve um sistema de bibliotecas.

Eu até brincava ali, com dois ex-Presidentes do Conselho Federal, e eu tenho o

prazer de tê-los como parte desse público que quer estar aqui, tão comprometido e preocupado. São a Regina e o Fernando. Dizia-lhes que eu ia me emocionar um pouco, porque eu fui privilegiada por ter tido um sistema de bibliotecas que me formou, que foi o sistema de São Paulo. Hoje, eu sou docente na Universidade Federal de Minas Gerais, mas a minha formação intelectual, cultural e literária eu credito ao sistema de bibliotecas de São Paulo. Durante o período em que eu morei em São Paulo, como migrante do estado de Minas, eu frequentava a biblioteca Anne Frank e naquela biblioteca eu tive a iniciação ao ato da leitura. Então, não poderia não gratificar essa biblioteca, hoje, e não agradecer, de público, essa experiência que eu tive em São Paulo, quando eu pude ter a minha formação, que eu considero uma formação muito boa, da escola pública, nesta cidade. A minha qualidade de docente, hoje, de pesquisadora da temática, inclusive, de bibliotecas públicas, é que me faz ser agradecida por esse ensinamento que eu tive.

Por oportuno, é relevante salientar, também, embora a Ana já tenha explicado a nossa função como agente fiscalizador, que a preocupação dos conselhos que trabalham a fiscalização profissional não está afeita somente à fiscalização profissional. Os conselhos, sobretudo na esfera federal, têm a preocupação de trabalhar com a proposição de políticas públicas e nós assistimos, pelo menos nos seis anos anteriores ao governo que está hoje na esfera federal, a uma desconstrução de políticas públicas.

Então, ao reafirmar a necessidade dessas políticas, é muito importante que a gente encontre acolhimento num espaço como este, porque aqui é o primeiro espaço do contato do cidadão. É a Câmara Municipal. Aqui é a primeira representação que a gente tem do nosso representante mais próximo. Ao saber da possibilidade da discussão em uma audiência pública, num espaço como este, numa cidade como esta, sabendo a referência que São Paulo representa para o Brasil, eu só tenho de reverenciar este evento, colocando-nos à disposição para poder trabalhar essas temáticas. Não são temáticas fáceis. A gente tem que passar por muitos aspectos que envolvem o financiamento, o aquinhoamento dessas bibliotecas, a preocupação com os recursos humanos que a gente forma. Inclusive, a gente forma-os nas universidades e

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 7 DE 50

nas escolas que têm os cursos de biblioteconomia. Aí, o mais importante: qual é o desdobramento desse equipamento para a sociedade?

Então, é um equipamento cultural essencial. Eu falava, agora há pouco, para a Rede Câmara SP, da importância que a biblioteca pública tem na emancipação social, na transformação dessa capacidade crítica do cidadão, e isso não se faz se não tiver esses espaços assegurados por meio do poder público. A biblioteca pública é um espaço de afirmação da identidade cultural. Ela é um espaço da materialização da nossa produção cultural local. Valorizar esse espaço é parte do nosso compromisso, é parte da nossa responsabilidade.

Amanhã, eu convido todos a participar, também, do nosso lançamento. Nós vamos ter a continuidade deste evento. Não é, Ana? É amanhã, na Biblioteca Alceu Amoroso Lima, lá, em Pinheiros, e a gente vai lançar um grupo de trabalho das bibliotecas públicas no nosso conselho federal. A gente não quer deixar a biblioteca pública invisibilizada. O Leonardo até está aí. A nossa preocupação não é deixar a biblioteca pública invisibilizada. Nós precisamos, cada vez mais, afirmar esse espaço, essa conquista, e essa necessidade social.

Não por acaso, o primeiro lugar que sofreu o ataque, agora, pelo Governo dos Estados Unidos, foi a biblioteca pública. Foi a demissão da Diretora da Library of Congress, que passou parte da sua vida em uma biblioteca pública, embora a biblioteca seja a biblioteca nacional americana, mas é por esse tipo de comportamento que a gente tenta fazer diferente.

Muito obrigada, Vereador, pelo acolhimento, sabendo que a gente pode contar com o seu gabinete, com a proposição dessa temática para audiência pública.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Antes de a gente ouvir a Sra. Paula, representando o COCEU, quero anunciar, também, o Vereador João Ananias, que está de forma virtual, e o pessoal do SGP-3, da Secretaria de Documentação, que são os bibliotecários da Câmara Municipal.

Quem quiser fazer inscrição para poder falar, já pode se dirigir ao lado e fazer as inscrições. Está bem?

Vamos ouvir, agora, a Sra. Paula.

A SRA. PAULA STEFANNY FELICE DE OLIVEIRA – Olá. Boa noite a todas, a todos e a todes. Quero agradecer, primeiramente, ao Vereador Professor Toninho Vespoli e à Presidenta Ana, do Conselho Regional de Biblioteconomia, pela organização do evento. Agradeço, também, à Dalgiza e ao Pascoal da Conceição, por participarem com a gente. Cumprimento todos os que estão presentes.

Meu nome é Paula. Eu sou bibliotecária e trabalho, hoje, na Divisão de Cultura da Coordenadoria dos CEUs da Secretaria Municipal de Educação. Estou representando o Coordenador Aparecido Sutero, da Coordenadoria dos CEUs. É uma tarefa um pouco inglória, porque a gente tem uma Secretaria muito grande, com diversas demandas e diversas fragilidades, também, no que concerne às bibliotecas dos CEUs. Como bibliotecas públicas e salas de leitura, são diversas as temáticas que as permeiam. Há as temáticas da política pública do livro, leitura, literatura e bibliotecas, numa Secretaria muito grande, que é a Secretaria Municipal de Educação, que tem mais de quatro mil unidades escolares. Dentre elas, são 58 CEUs. Temos quatro para serem inaugurados esse ano, e mais oito até o final de 2026 ou 2027. Então, teremos, aí, 70 CEUs.

Como bibliotecária, e como uma das responsáveis pelo que a gente chama de eixo de bibliotecas, sou uma “eu-quipe”. Aí, tentar pensar em todos esses equipamentos, discutir, elaborar e monitorar são tarefas bem difíceis, mas, acima de tudo, acho que a gente tem que ter a percepção de que é importante que espaços como esse aconteçam.

Para além de ser bibliotecária na Divisão de Cultura, participo também do Conselho do Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas. Participo, também, atualmente, do Grupo de Trabalho de Bibliotecas Públicas da Febab.

A biblioteconomia sempre esteve presente na minha vida, pelo menos desde os 16 anos. Então, são mais de 18 anos. Falar e pensar bibliotecas – bibliotecas públicas, acima de tudo, ou de acesso público – são uma tarefa. Apesar desse papel inglório, para mim é muito glorioso pensar e estar nesses espaços de discussão, porque a gente sabe que é a partir dessa participação política, dessa participação social, que a gente começa a trazer e pensar em

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 9 DE 50

caminhos, estabelecer caminhos, estabelecer parcerias.

Na Divisão de Cultura, a gente está sempre pautando as bibliotecas. Na Divisão de Cultura, a gente está sempre pensando, discutindo. A gente tem um contato regular com os profissionais e os equipamentos. A gente apresenta para a Secretaria, sempre, várias das fragilidades que a gente tem, e também as potencialidades, porque também é isso. A gente não pode ficar falando: “Ai, não temos, não temos. Falta, falta”. A gente também tem que apontar as oportunidades, as coisas positivas que têm as bibliotecas.

Então, esse é um trabalho que a gente faz. É um trabalho que é de formiguinha, mas a gente tem esses espaços de discussão e vai ter, agora, a retomada, com a revisão do plano municipal, e com as audiências públicas que vão ser implementadas a partir dessa revisão do plano municipal. Eu acho que a gente vai conseguir, aí, isso que você mencionou, Ana – da melhoria das bibliotecas públicas e da valorização dos bibliotecários. Eu acho que é urgente que a gente faça isso, no nosso país, no nosso município.

Eu falo que São Paulo ainda está à frente de muitos municípios. Quando eu vou olhar alguns dados, eu fico muito assustada com o que a gente tem, aí, no nosso país, mas acho que a gente não pode olhar para o que é menor, inferior. Não é olhar para isso e falar: “Olha, lá tem menos”. Não, muito pelo contrário, é que a gente também é muito mais amplo, e a gente tem que garantir mais serviços e mais acesso, ainda, para a população.

Então, estou aqui para tentar encaminhar as demandas para a Secretaria. Agradeço.

A SRA. ANA CLÁUDIA MARTINS – Nós gostaríamos de agradecer a presença do Presidente do Conselho do Plano Municipal do Livro, Literatura e Bibliotecas, o Miro, do Prof. Fernando Modesto, do curso de biblioteconomia da USP, e da Regina Céli, que é Coordenadora do grupo do GDIJ. Tanto o Fernando Modesto quanto a Regina Céli foram, já, os Presidentes do Conselho Regional de Biblioteconomia e, também, do Conselho Federal.

Agradecemos, também, a presença da Prof. Valeria Valls, da SP Leituras, e do Prof. Leonardo Assis, Coordenador do curso de biblioteconomia da Fesp. Agradecemos aos bibliotecários dos CEUs que estão presentes, aos bibliotecários do sistema de bibliotecas e à

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 10 DE 50

Prof. Roberta Gravina, do curso técnico de biblioteconomia da Etec. Obrigada por vocês estarem aqui. Também agradecemos ao Presidente Álamo, do Conselho Regional de Minas Gerais, e ao João Pontes, da Universidade São Francisco. Agradecemos, ainda, a presença das Conselheiras Andréa e Marta, do Conselho Federal, que estão presentes na audiência, e da Adriana Ferrari, Presidente da Febab.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. ANA CLÁUDIA MARTINS – Vice-Presidenta... Desculpe.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Cuidado, que, neste país, golpe é uma coisa meio... Então, o próximo que a gente vai escutar, neste momento, vai ser o Pascoal, o nosso querido e grande ator.

O SR. PASCOAL FERREIRA DA CONCEIÇÃO – Repetindo: boa noite. Meu nome é Mário. Eu sou um bibliotecário e, entre outras coisas, fui Secretário da Cultura. Criei o primeiro departamento de cultura desta cidade. Fui um dos responsáveis por tornar pública uma biblioteca privada. Foi uma primeira invasão da propriedade privada, até então, exercida na minha gestão, em 1935, quando eu pude fazer o que uma gestão realmente pública tem que fazer. Tem que permitir o acesso livre da nossa população aos bens culturais, que vou chamar de riquezas.

Até por isso mesmo, digo que eu estou do lado de vocês, porque, outro dia, o Pascoal da Conceição esteve lá, no centro cultural, para ler *Torto Arado* – e não tinha. Faz 10 anos que não se compram livros, lá, na biblioteca. Se no centro cultural está desse jeito, imaginem o que não deve estar acontecendo aí, por aporte. Daqui a pouco, vou pedir para o Pascoal falar um texto meu, mas ele vai falar, já, já.

É importante estar neste lugar, a Casa que é o Parlamento da cidade de São Paulo, a Casa que ouve os pedidos da cidade, a Casa que é responsável em atender às reais necessidades desta Casa, tendo Vereadores e funcionários para isso. O povo daqui tem uma importância fundamental. Nós estamos aqui – nós, bibliotecários; eu, com vocês – para relevar esses 90 anos que me fazem presente aqui. Eu estou de olho no que acontece aqui.

Eu era Secretário de Cultura, mas, logo depois, em 1935, o golpe me perseguiu, evidentemente, como a gente está vendo e tudo mais, e eu fui morar no Rio de Janeiro. Fui me exilar no Rio de Janeiro, porque eu gosto de São Paulo.

“Na rua Aurora eu nasci
na aurora de minha vida
E numa aurora cresci.
No largo do Paiçandu
Sonhei, foi luta renhida,
Fiquei pobre e me vi nu.
nesta rua Lopes Chaves
Envelheço, e envergonhado
nem sei quem foi Lopes Chaves.
Mamãe! me dá essa lua,
Ser esquecido e ignorado
Como esses nomes da rua”.

Então, em 1935, eu escrevi essa crônica ao jornal *O Estado de S. Paulo*: “É chegado o momento, de eu vos falar da minha esquina. Eu moro, exatamente, na embocadura de um desses igarapés cariocas, feito de existência, em geral, apressadas. Ruazinhas, vielas que nascidas do enxurro do morro próximo, desembocam na famosa Rua do Catete. Gasto mais da metade dos meus ordenados em veneno contra baratas. Vivo sem elas, mas só eu sei o quanto isso me custa de energia moral. Altas horas, quando eu venho da noite, tem sempre uma, duas baratas ávidas me esperando. Se eu abro a porta, em caldo perdido nesses pensamentos insolúveis a nossa condição, nisso elas dão uma corridinha telegráfica. Entram e tratam logo de se esconder. Inatingíveis. Eu sei que, feito escuro no apartamento, elas irão morrer se banquetecendo com os venenos que me custam à metade dos meus ordenados. Mas me veem uma saudade melancólica dos meus ordenados inteiros. Dos livros que eu não comprei, dos venenos com que eu não me banqueteei, para dar banquete às baratas. Por que que eu não me

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 12 DE 50

mudo dessa esquina? O meu pensamento indeciso logo se baralha, e eu não sei se onde eu moro é esquina de rua ou é esquina de mundo, porque por toda parte eu sinto baratas. Baratas. Exército de baratas comendo a metade dos orçamentos humanos e só permitindo até o meio, o exercício completo da nossa humanidade. Não é uma questão de mudança! Havemos de acabar com as baratas primeiro.

Eu sou Mário de Andrade. 15 de novembro, 1939”.

Obrigado. (Palmas)

E para me despedir de vocês, eu digo: “Não prego a guerra nem a paz. Eu peço amor. Peço amor em todos os seus beijos. Beijos, de ódio, de copla ou de fraternidade, não prego a Paz Universal e eterna, Deus me livre. Eu sempre contei com imbecilidade, vaidosa das pessoas e não tenho simpatia por idealistas. E temo que uma paz obrigatória nos fizesse esquecer do amor, porque mesmo falando em relação de povo com povo, amor, não é uma paz. Amor não é uma paz. E foi por amor que Deus nos deu a vida. O amor não é uma paz, bem mais bonito que ela, porque o amor é um completamento. Nós somos na Terra o grande milagre do amor e, embora tão diversa nossa vida, dançamos juntos no Carnaval da gente, Bloco Pachola, do Custa. Mas vai e abre alas que eu quero passar”. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Toninho Vespoli) – Se Mário de Andrade fosse vivo hoje, ele ia falar que as baratas estão levando quase 80% do orçamento.

A SRA. ANA CLÁUDIA MARTINS - Queria agradecer, também, a NIS, entidade representativa dos profissionais. Obrigada por estarem aqui.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Pessoal, quando a Ana, nos pediu que aprovássemos essa audiência pública na Comissão de Administração Pública, evidente que eu aceitei de pronto até um pouco, pela relação que temos nas Bibliotecas. Temos que valorizar esses 90 anos do nosso sistema de Biblioteca na cidade de São Paulo. Isso é uma *expertise*, principalmente, dos nossos servidores públicos, que acabam aprimorando cada vez mais, na medida do possível, esse sistema.

Mas ao mesmo tempo que ficamos contentes, eu sou professor, olhamos para rede

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 19

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 13 DE 50

municipal de educação e sabemos que ela é uma das mais estruturadas do Brasil, também olhamos para as nossas deficiências e temos que dialogar, de como iremos superar essas deficiências. Então, quando eu visito as Bibliotecas, o que eu vejo? Por exemplo, as Bibliotecas mais ligadas à cultura, eu visitei várias e na visita que percebemos que algumas estão com os prédios adequados. Quando eu falo adequado é porque, assim, tem algumas que o estuque caiu, tem outras que estão fechadas há anos por conta que ia passar por reforma. E não foram abertas. Algumas - eu não sou técnico de iluminação de Biblioteca - mas podemos perceber que não dá nenhuma condição de chamar atenção do livro. É uma iluminação ruim que não dá destaque nenhuma aos livros. Aí que eu vejo nos dois sistemas, tanto dos CEUs como também da Cultura, a falta de servidor público.

Às vezes você tem dois bibliotecários, mais um bibliotecário está administrando a Biblioteca. Ele não está fazendo a função de bibliotecário. Está administrando a Biblioteca. Quando tem um bibliotecário só - vamos falar no português lascado, rasgado - aí lascou de vez, por que o bibliotecário está administrando e quem está sendo bibliotecário? Então a pessoa tem que fazer duas, três, quatro funções? Quer dizer, é um absurdo um negócio desse. Temos que pensar no país em que vivemos. Vivemos em um país que tem muitas deficiências. Deficiências na Educação. 40% dos nossos estudantes saem da escola analfabeto funcional. Lê um texto e não consegue entender o contexto. Por que? Porque ele chega em casa, se ele tem uma família, relativamente estruturada, mas se ele está vivendo com um tio, com avós. Esse tio, esses avós, esse pai e mãe não leem jornal, a maioria das vezes, não leem um livro. Que estímulo ele tem em casa para se tornar uma pessoa leitora? Não tem. Um país onde um livro custa 10, 20% de um salário-mínimo! Se pegarmos a renda da população brasileira, a grande maioria ganha até dois salários-mínimos. Comprar um livro no Brasil é muito caro. Não tem estímulo para leitura. Então a Biblioteca não pode ter uma concepção de, simplesmente, ter lá as quatro paredes, e ter um único bibliotecário para dar conta de uma relação social que tem que fazer na comunidade. O bibliotecário tem que ir, por exemplo, no Centro de Convivência, para conversar com aqueles usuários daquele equipamento para estimulá-los a ler, pegar um livro, até contação de história,

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 14 DE 50

uma série de coisas para ele ter estímulo. Ou então, sei lá, ir conversar com o pastor, com o padre. Fazer toda uma relação social, se quisermos ter uma cidade leitora. E não é com dois bibliotecários na Biblioteca que você vai fazer um negócio desse.

Não podemos ser, com uma sociedade tão dinâmica, depois disso daqui competir com isso daqui, é muito difícil. Então temos que ter outras fórmulas de chegar nessa juventude e nessas crianças para estimular a elas a leitura.

O que eu vejo, é que falta servidor público, algo gritante que está se baseando. Sem contar outros problemas estruturais, seja *internet*, o Sistema Alexandria, ou seja não-sei-o-quê. Teríamos de ter algumas coisas mais práticas. Inclusive, o bibliotecário poderia ter o aplicativo no celular para consulta. Temos que inovar. O sistema cai toda hora. Conversando com algumas bibliotecárias, inclusive, não pode nem emprestar livro direito porque o sistema não funcionava. No meu ponto de vista, temos alguns problemas gritantes, que é não dá para ficar esperando. É para ontem. Eu já fiz essa audiência pública sobre as Bibliotecas, há quase dois anos, há um ano e meio, estou repetindo a mesma fala de um ano e meio atrás, porque nós estamos com os mesmos problemas. “Ah, não compra título todo ano”. “Ah, no Centro Cultural tem anos que não compra título”. Se consulta as bibliotecárias para fazer uma lista de títulos, porque cada Biblioteca está numa realidade muito diferente da cidade. Então a demanda é diferente, porque as pessoas têm expectativas diferentes. Aí o nosso pessoal faz, mas não é seguido por quem está lá em cima, daí vem títulos diferentes do que foi consultado. Então para que consultar se vai comprar títulos diferentes?

Então, ainda estamos reclamando, falando, tentando mudar algumas coisas e estamos falando dos mesmos problemas de anos atrás. Sejam honestos. Eu fico muito contente com os 90 anos do sistema, mas não dá para chegar, daqui há dois anos, fazer outra audiência pública e discutir os mesmos problemas.

O governo, no meu ponto de vista, tem que ser bem transparente com a sociedade. Ele quer colapsar de um jeito para depois terceirizar as Bibliotecas, como estão tentando terceirizar as unidades escolares onde tentaram tirar 25 diretores. Só não tirou porque a

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 15 DE 50

comunidade se levantou contra a retirada desses diretores.

Precisamos que o governo seja transparente, porque ele quer mesmo fortalecer, são vários sistemas, mas todos os sistemas das nossas Bibliotecas, o caminho aqui - eu tenho certeza do que vocês vão falar - o caminho, todos sabem e o governo também sabe. Agora o governo precisa implementar esse sistema.

Então é um pouco isso, que eu queria iniciar. Vamos passar as inscrições.

A SRA. ANA CLÁUDIA MARTINS – Gostaria de agradecer a presença da Sra. Zaira Zafalon, Presidenta da Abecin. Muito obrigada por estar aqui conosco.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Lembrando que as inscrições ainda estão abertas. Há uma inscrição virtual, Sr. Eduardo Farsetti. (Pausa) Ausente.

Vamos chamar alguns representantes de entidades. Serão os primeiros a falar.

A SRA. ANA CLÁUDIA MARTINS – Com a palavra a Sra. Adriana Cybele Ferrari, Vice-Presidente da Febab.

A SRA. ADRIANA CYBELE FERRARI - Boa noite a todas as pessoas. É um prazer estar aqui. Agradecer, na pessoa do nosso Vereador Professor Toninho Vespoli, que aliás - já que o Conselho está aqui - quase lhe dando um diploma de *honoris causa*, porque você falou tanto que já, já é um colega de profissão. Falou até o nome do sistema. Está íntimo de nós. Ficamos muito agradecidas.

Saudar todos os presentes à mesa, os colegas que eu vejo, de longa data, dizer que nós somos uma categoria que sempre nos nossos aniversários não podemos fazer festa. Fazer luta. Então nós estamos celebrando os 90 anos do sistema municipal, em primeiro lugar, eu queria dizer que os 90 anos é um símbolo de resistência. Não são só dois anos da sua audiência, são muitos anos que estamos vindo aqui e reivindicando o que é de direito, não dos bibliotecários, porque quando a gente começa a falar sobre isso, as pessoas falam: “Ah, vocês são corporativistas”. Nós somos porque, alguém tem que defender e sem defesa e sem organização, não tem avanço. Então é isso, nós somos sim e nós vamos defender e nós estaremos onde quer que seja. Nós temos essa missão, porque quando fazemos o nosso

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 22

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 16 DE 50

juramento, é um juramento para valer. É um juramento para dizer que as Bibliotecas são, sobretudo, locais de pessoas. De reunião de pessoas. A luta é essa, de fazer com que as nossas Bibliotecas sejam em maior número, em melhor quantidade, com profissionais, com inclusão. Porque se a gente for mencionar o que é a inclusão das pessoas com deficiência das populações que estão em vulnerabilidade, a situação vai ficando ainda mais crítica para dar esse atendimento.

São Paulo, o nosso querido Mário de Andrade, foi um gênio de trazer, de popularizar, de fazer a biblioteca pública, de fazer os carros. Temos tanto orgulho dessa história e vemos essa história esvaindo em nossas mãos, na nossa frente, por várias questões.

Estamos no começo de gestão da Prefeitura. De um governo de continuidade e não conseguimos avançar o quanto gostaríamos. Então precisamos estar, realmente, organizados. Além de termos as preocupações do próprio município, nos preocupa mais ainda, Toninho - e aí aproveitando esse espaço -, é ver que o sistema estadual de Bibliotecas Públicas foi deletado do decreto da Secretaria.

Eu fui Coordenadora do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo, e sabemos que se o estado também não mostra que é importante, fica mais difícil também o município reconhecer que tem que investir, que tem que ter Bibliotecas.

Nada contra as outras expressões artísticas, os outros equipamentos, mas as Bibliotecas, elas são centrais. São equipamentos culturais e educacionais e elas são sim, um direito de todas as pessoas.

Então, quero chamar vocês para estarmos vigilantes. Eu cheguei aqui com aquela fila, me emocionei e comecei a pensar: “puxa, não podia ser essa fila toda para nossa audiência?” Então acredito que temos muito ainda. Precisamos desenvolver uma literacia política, precisamos estar no lugar, porque a sociedade sabe cobrar a vaga da criança na escola. A sociedade consegue brigar pelo leito no hospital. Nós invisibilizamos, também, pela sociedade. Precisamos fazer e mostrar porque estamos reunidos.

Convido vocês a fazer parte do movimento associativo sem organização *no way*

mesmo. Então que vocês possam fazer parte e convidar a Dalgiza, o nosso grupo de bibliotecas públicas, que estou Coordenadora, tem a Paula, tem o Marcos também, tem outros colegas do Brasil. A gente está trabalhando desde 2018, já houve outros grupos na Febab e a nossa rede de bibliotecas inclusivas, que a gente trabalha nessa perspectiva também que as bibliotecas sejam mais inclusivas, mais diversas e que também sejam as parceiras que a gente tanto acredita para a gente alcançar um mundo melhor, onde ninguém fica para trás como apregoa a Agenda 2030.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Vamos agora chamar a Durvalina Soares, inclusive eu quero aqui deixar público, eu peguei a Durvalina aqui de supetão, porque eu fiquei de convidar a Nise e convidar o Sindsep. Era tarefa minha, não era de assessor, não; e na correria eu literalmente esqueci e não chamei, nem a Nise e nem o Sindsep. Mas aí eu conversei com ela agora e botei ela em uma fria, falei assim: “você tem mais que conhecimento para falar umas duas horas aqui”, e ela se colocou para falar, muito obrigado, viu.

A SRA. DURVALINA SOARES – Imagina, Toninho, eu que eu agradeço.

Boa noite a todos, sou Durvalina, sou bibliotecária da rede de bibliotecas, aposentada, estou há muito tempo, é um prazer ver o Mário falando aqui, gente, não é? Porque o Mário, o pessoal falando, muita gente não entende que o Mário é o nosso ídolo, e ele é o ídolo dos bibliotecários do município. Falou mal dele, compra uma briga com a gente, pode ter certeza, e vamos te chamar.

Então, como o Toninho disse, fui pega de surpresa, não preparei uma fala. Eu fui diretora dos dois departamentos de bibliotecas da Secretaria de Cultura, quer dizer, pré-sistema. Eram Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Infantojuvenis, na gestão da Marta Suplicy. E naquele momento, nós tivemos a chance, a grande oportunidade de criar as Bibliotecas dos CEUs, então isso muito me honra, estou muito feliz de ver algumas pessoas aqui que são dos CEUs também, enfim, os colegas da Cultura, dos CEUs, e tudo mais. É muito bom estar nesse momento aqui, podendo falar com vocês.

E quero começar dizendo o seguinte, gente, eu mais do que ninguém reconheço como cada um de nós, o bibliotecário que está lá na periferia, naquela biblioteca esculhambada, com vazamento de goteira, sabe, choveu, agora você imagina a goteira numa entidade que tem livro. Livro é feito do quê? Papel. Joga papel na água e por aí vai. São algumas das nossas mazelas, e eu sou a primeira a reconhecer as dificuldades de quem está na estrutura, tentando melhorar, tentando dar condições para que essas bibliotecas funcionem e sigam da melhor maneira possível. E nem sempre, sou testemunha disso, eu trabalhei quase 35 anos nessa vida, e muitas vezes você é nada contra a corrente.

Eu costumo dizer que inclusive, alguns anos atrás eu jamais diria isso, nem sob tortura, mas é adoecedor. Porque normalmente você tem uma tarefa gigantesca e muito pouco apoio, muito pouco recurso. As equipes hoje, como o Toninho falou, às vezes têm dois bibliotecários. Toninho, poucas bibliotecas da periferia têm dois, normalmente é um, e aí você tem o pessoal de apoio, que trabalha com você, e você tem que dar conta de uma tarefa gigantesca.

E por que eu digo isso? Porque nós vivemos num país de não-leitores. Quem dera a gente vivesse num país de leitor. No nosso país, quando você começa a ler o livro, se é de classe popular e você começa a ler muito, gostar de livro, curtir aquela leitura, passar horas a fio lendo, seus pais ficam preocupados. O que será que está acontecendo com esse menino, com essa menina? Será que vai viver no mundo da lua? Será que isso não faz mal para os olhos? E eles estão cobertos de razão, como pais têm todo o direito de se preocuparem com esses filhos, com o que eles estão fazendo. Se eu desconheço uma atividade e meu filho está enfiado nessa atividade por horas e horas a fio, preciso ver o que é. E aí nós entramos. Entra a biblioteca pública, porque esse menino, ele não vai ser estimulado à leitura, a ser leitor, num meio social onde a maioria das pessoas não leem, não sabem direito o que é isso, certo?

A biblioteca pode estar ali como rede de apoio. É fundamental ter um lugar, um lugar social, onde aquela atividade é entendida, é estimulada, onde você tem alguém que pode andar junto com você, nessa trilha difícil de se tornar um leitor. Porque assim, “ah, é uma delícia, é

prazeroso, não sei o quê”, é também, mas não só. No dia a dia, o negócio é bem mais complicado. O Toninho falava que os livros são caros. São caros? São. Mas principalmente porque eles vendem muito pouco no Brasil, e eles vendem muito pouco porque a gente não tem uma sociedade leitora. E quando um pai ou uma mãe vê ali um livro que custa x, vamos supor que custa 100 reais, por que diabos ele gasta 100 reais do orçamento da família num objeto que ele não sabe direito nem para que serve? Porque falam mil e uma coisas, mas ele não tem essa experiência da leitura. Ou muitas vezes tem uma experiência altamente negativa, de ser colocado como burro, como quem não entende nada, como algo que não é para ele. E aí entramos nós. Porque a biblioteca pública tem por dever fornecer esses livros.

Outra coisa, muita gente pensa que nós morremos com o advento da *internet*, certo? E muitos de nós nos preocupamos, sim, quando a *internet* chegou. Como será? Como será o futuro? Hoje eu acho que é tranquilo você pensar que a biblioteca vai cumprir mais um papel ainda, que é mediar essa informação da *internet*, digital, eletrônica. Porque o que tem de porcaria lá dentro, mais do que nunca é necessário você poder contar com alguém que te ajude a trilhar esses caminhos. A desvendar o que tem ali, a encontrar o que é legal, o que é bom, que você consegue também ler e entender, porque no caminho do leitor tem isso. O texto pode ser maravilhoso, mas eu ainda não tenho fluência para ler aquele texto. Alguém precisa te ajudar nisso. Numa sociedade de não-leitores, o professor é um mediador, ninguém está negando nada disso, só que na biblioteca é uma coisa individualizada, é um atendimento individualizado. Mais do que nunca, nós somos necessários.

Agora, biblioteca presta serviço. Já foi discutido muito entre nós se nós deveríamos estar na Educação, se a gente tinha que estar mesmo na Cultura, em que lado a gente tinha que estar. Bom, hoje nós temos bibliotecas públicas na Educação e temos na Cultura. É uma coisa meio esquizofrênica, não é, gente? Dentro da mesma estrutura, da mesma Prefeitura, quando as Bibliotecas dos CEUs nasceram, elas vieram para compor o sistema de bibliotecas. Elas vieram para nos fazer atingir lugares e pessoas que nós jamais atingiríamos com a rede restrita que a gente tinha de bibliotecas públicas. Só que depois, “não, vocês não têm mais que dar

palpite nenhum aqui”. E eu digo mais: eu nem sei se a biblioteca tinha que estar exatamente na Cultura ou na Educação, porque nós somos transversais, nós poderíamos estar em “N” lugares. Mas na Cultura eu me acho muito bem, sem problema nenhum. Só que eu acho que as bibliotecas precisam dialogar, não é possível que a gente tenha um sistema, que metade do sistema não conversa com a outra metade do sistema.

E digo mais, quando a gente passa assim, “as bibliotecas não servem mais para nada porque agora tem *internet*”. Mentira. Não tinha *internet* e a situação não era uma maravilha. Não é essa a questão. Não é mesmo essa a questão. A questão é a seguinte, nós prestamos serviços e a crise das bibliotecas, como diria o Darcy Ribeiro, que falou isso sobre a educação, a crise das bibliotecas também não é crise, é projeto. A quem interessa uma cidade leitora? A quem interessa uma sociedade crítica? A quem interessa? A nós, certamente. Nós damos a vida, passamos a vida inteira trabalhando e pensando coisas e aprontando e indo para cima e brigando sempre, a luta faz parte da nossa vida mesmo. Agora, os governos de plantão têm essa noção do que serve a biblioteca? Para quê que ela existe? Por que que ela existe? Isso é que a gente precisa se perguntar, e uma coisa, Dalgiza, você falou do papel importante das bibliotecas na sua formação, então, gente, isso é a coisa que mais nos aquece o coração.

Cada vez que um usuário encontra comigo na rua, de repente, “ô tia, então lembra de mim?” Não, né, eu trabalhei muito tempo em (ininteligível), então eram crianças e aí de repente um adulto, né, e aí ele vem dizer como a biblioteca transformou a vida dele. E não tem coisa melhor, não tem coisa que possa nos curar mais dessa maluquice que a gente vive do que uma coisa dessa. De alguém chegar para você e dizer, “olha, o teu trabalho e de todo mundo que estava junto, valeu muito”. “Mudou a minha vida, mudou a vida de um monte de gente”.

Então, é isso, acho que eu já dei meu recado, me estendi muito, ainda não acabou o meu tempo. E essa biblioteca, para continuar sendo atuante, sendo boa e conseguir ser uma biblioteca que se coloca nesse papel social, precisamos sim que compre livro, nós precisamos dessas coisas que, para maioria das pessoas, a gente está falando de... Precisa ter livro, acho que isso ninguém nega, a biblioteca precisa ter livro, não precisa? Livro bom, livro novo, livro que

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 21 DE 50

acabou de sair, livro antigo também, que eu preciso ter mais espaços onde eu possa conservá-los, certo? Biodiversidade, conseguir comprar das mais diferentes editoras, conseguir comprar de quem publica lá na periferia também, que também tem isso, né? Bom, é isso, gente, muito bom estar com vocês aqui.

Ah, outra coisa, mais duas coisas, aliás. O último concurso que nós tivemos para bibliotecários, que é a única carreira da Cultura, foi na gestão Haddad, 2014-2015, mais ou menos, 2015, dez anos. As outras, nem existe mais, por exemplo, a auxiliar de biblioteca não existe mais, era uma carreira que tinha e não temos mais. Precisamos criar essas carreiras, precisamos, carreiras da Cultura, precisamos criá-las. Todas, das bibliotecas e das outras áreas também que, para mim, não são concorrentes são... Sabe? A gente se apoia, a gente se ajuda. E outra coisa, nós precisamos ter um projeto de ação cultural e ação educativa nas bibliotecas. Vamos falar sério, vamos falar claro, precisamos ter essas condições mínimas e básicas de existência? Precisamos, mas além disso, precisamos ter um projeto de ação cultural e de ação educativa, precisamos nos constituir como uma verdadeira rede que integra os outros equipamentos de leitura de informação e de cultura. Aí sim.

Bom, e é isso, gente, olha, a gente não abaixa a guarda nunca, a gente continua firme e forte para sempre.

É isso, obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – A Durvalina me trouxe várias reflexões, só queria também deixar registrado aqui, porque nós vamos mandar isso aqui para a Secretaria, tanto da Cultura como da Educação, que eu visitei também várias unidades de CEUs que foram terceirizadas. Aqui eu não sei se vocês já entraram nesses CEUs, nas bibliotecas dos CEUs terceirizadas. Eu tirei fotos, eu tenho fotos, quem quiser ver eu mostro, a quantidade de títulos que tem ali, como é ínfimo, sim, você vê várias estantes vazias, não sei se já melhorou da última vez que eu fui lá e vim para cá. Para você ver também, porque como eles falam que a terceirização é boa, se a terceirização é boa, deveria ter bastante título lá e os bibliotecários deveriam ganhar o piso dos bibliotecários, porque eles estão ganhando naquele equipamento

um valor menor que o piso.

Então, para a gente também refletir sobre isso, porque se terceirizar o restante das bibliotecas, inclusive já quiseram fazer isso aqui, outro governo quis fazer, se não tivesse o “abraço” em bibliotecas e tudo mais, eles iam caminhar por aí, se as pessoas também não se levantassem, ia caminhar por aí.

Bom, o próximo, dessa contribuição também, é o Miro, Presidente do Conselho, do PMLLB. Eu só acho ruim disso, porque eu travo até a língua, de tanto falar ele, ele, ele.

O SR. WALTEMIR JANGO BELLI NALLES – Eu vou traduzir o que é isso. Boa noite, eu estou Presidente do Conselho do Plano...

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Desculpa, só uma coisa, Miro, que eu esqueci, que eu vi que o Nabil chegou aqui. Nabil, faz favor, componha a Mesa com a gente.

Vereador Nabil também, um lutador para ter uma cidade leitora.

O SR. WALTEMIR JANGO BELLI NALLES – É, chegou na hora certa porque o Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca foi construído e aprovado em 2015, quando Nabil era Secretário de Cultura da cidade de São Paulo. E esse Plano prevê um conselho. O que significa esse conselho? Esse conselho está lá para ver se o Plano está acontecendo ou não, em que medida está acontecendo ou não. Só que o Plano é que nem o samba do Zeca Pagodinho. Já ouvi falar, nunca vi, nunca comi, né, mais ou menos isso. Porque alguém aqui já viu o Plano, já leu o Plano? E nós estamos no meio de profissionais de biblioteca. É isso, ele existe no papel, mas não existe de fato. E qual a função dele, qual a função que o conselho tem para que acompanhe o Plano? Tudo isso que a gente falou aqui está previsto no Plano, de ser combatido. De você ter diversidade, bibliodiversidade na compra, ter compra, você ter pessoal decente, ter concurso, ter... Enfim. Está tudo previsto lá, só que ele não é ouvido, ele não acontece. A nossa interferência é mínima, quase nula.

A gente teve uma reunião com a Secretária-Adjunta de Cultura essa semana passada, onde a gente foi, pasmem, falar assim: “olha, a gente existe, a gente precisa de uma

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 29

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 23 DE 50

estrutura administrativa para funcionar, e a Cultura e o Plano preveem que se tenha, e a gente gostaria, se possível, falar com o Secretário para falar que nós estamos aqui”. Então, ele resume bem a importância que o município dá ao mundo do livro, da leitura, da literatura e da biblioteca. Ele resume bem, nenhuma importância, por mais que a gente tente fazer.

Mesmo aqui hoje, não estou vendo ninguém do Sistema Municipal de Biblioteca nessa mesa. Muito me espanta. E eu não sei se foi uma falha no convite ou não aceitaram, não sei, não interessa. Nós estamos nesse plano tentando lutar muito contra essas coisas. E eu vou já dizer que esse ano o Plano completa 10 anos, como eu falei, e ele vai passar por uma avaliação e atualização. Então, nós estamos programando várias reuniões setoriais, com professores, com estudantes, com bibliotecários, enfim, várias reuniões setoriais para a gente discutir esse Plano, para ver se a gente consegue fazer esse plano realmente pegar. E ele só vai pegar se ele for pego pela base, vamos dizer assim. Se a gente não levar, não adianta, não vai ser meia dúzia. Eu estou no Plano, a Lilian está no Plano, a Paulinha está lá, também, participando do conselho.

E assim, é isso. A gente faz. O conselho é formado por dois representantes da Secretaria de Cultura, dois representantes da Secretaria de Educação, dois da Câmara de Vereadores, que estão aqui, Paulo e Ronaldo, e por oito membros, oito titulares, oito membros suplentes da sociedade civil, eleitos pela sociedade civil. No final desse ano, começo do próximo ano, a gente tem uma nova eleição. O mandato é de dois anos. E o que a gente pretende? Além de aproveitar essa fase de reestruturação, de reavaliação, de reconstrução e da eleição, trazer realmente que as pessoas participem. Porque o Plano, ele é fundamental para você estruturar a implementação de políticas públicas. Porque senão fica muito essa coisa dependente do gerente de plantão. Se ele se interessa ou não pela coisa.

Se você estabelece políticas públicas de verdade na área do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas, isso permanece, independente de quem for o gerente de plantão do momento, e é por isso que brigamos pela construção de políticas públicas para essas áreas,

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 30

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 24 DE 50

para que sejam implementadas, efetivadas, para se chegar com o resultado na população, no município.

Só para esclarecer uma coisa, o que o Mário de Andrade falou das compras e livros no Centro Cultural, sou bibliotecário do Centro Cultural São Paulo, é mentira que não compro livro há 10 anos, são só 5.

- Manifestação do público.

O SR. MIRO NALLES - Tem sim, porque eu que doe.

- Manifestação do público.

O SR. MIRO NALLES - Mas, assim...

- Manifestação do público.

O SR. MIRO NALLES - A sessão de artes é mais, porque são livros caros, e, normalmente, os mais caros sobrevivem de doação. Sorte que as pessoas reconhecem o valor daquele acervo, os museus, as editoras, e acabam doando.

A Gibiteca também sobrevive de doação, o que é triste. A Prefeitura mais rica desse país tem que passar o chapéu para as editoras, o que não é justo com as editoras também porque não estão em condições legais, ultimamente.

Então, tem todos esses problemas mesmo acontecendo, e de compra de material, de falta de pessoal, é uma coisa espantosa, em todas elas. Se não estabelecermos políticas públicas que determinem isso, que obriguem o governante a seguir essas coisas, estaremos daqui a 2 anos, 4 anos, 10 anos, 20 anos, repetindo esses problemas, essas reclamações que vão permanecer. De repente vem algum governo mais interessado, melhor um pouco. Mas, dali a pouco vem 3 governos não interessados que derrubam tudo.

Então é isso, vou convidar vocês que participem dessas reuniões setoriais de reavaliação de contribuição planas. Vamos divulgar isso, estamos divulgando.

- Manifestação do público.

O SR. MIRO NALLES - O pessoal da Faculdade, teremos um dia para estudantes também.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Já tem dia fixo, Sr. Miro?

O SR. MIRO NALLES - Estamos fechando hoje. À tarde, fechamos. Amanhã complementamos e vamos fazer a divulgação e procurar muitos de vocês para nos ajudarem a organizar essas conversas, nas faculdades, nas outras bibliotecas. Vamos procurar, porque nós só tentamos organizar, mas não somos quem faz exatamente isso.

Muito obrigado e boa noite.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Sr. Miro, comprometemo-nos, como pegamos uma lista de presença ali, passando-nos as datas, passamos por WhatsApp para as pessoas, está bem?

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Está bem. Então, agora, vamos para as inscrições.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Nabil, você quer ditar uma solução agora ou quer escutar um pouco e...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Não, claro, fique à vontade.

O SR. NABIL BONDUKI – Boa noite para todas, para todos. Quero cumprimentar o nobre Vereador Professor Toninho Vespoli, quem tem sido parceiro, a todos os companheiros aqui da Mesa.

É um prazer estar aqui com vocês. Desculpem-me chegar atrasado, e talvez eu tenha que sair antes, porque está acontecendo, lá no Salão Nobre, uma reunião grande com o Ministro da Educação. Aliás, acho que muitos gostariam também de o ouvir com os cursinhos.

Então é um evento que está sendo realizado pela Comissão de Direitos Humanos, pela nobre Vereadora Luna, e estamos lá acompanhando o Ministro da Educação que está presente, o Sr. Camilo Santana.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 32

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 26 DE 50

Mas eu não podia deixar de estar aqui porque, como Secretário de Cultura, acompanhei muito toda a questão das bibliotecas do município, do Sistema Municipal de Biblioteca. Acompanhei o plano do livro, leitura, literatura e bibliotecas.

Aliás, já dando uma sugestão aqui, Sr. Miro, vamos dar um outro nome, para popularizar o plano e a política de livro, de biblioteca, pois acho que esse nome é muito difícil de falar e acaba dificultando a própria maneira das pessoas poderem se referir a ele como uma referência importante de política.

Eu queria ser rápido, pois teria muita coisa para falar, e muito do que já foi falado aqui, que ouvi, concordo inteiramente.

Queria chamar atenção em alguns aspectos. Primeiro: a necessidade de fazer o concurso de bibliotecário dentro da Prefeitura de São Paulo. É fundamental, e nós, na Câmara, temos... Eu já falei isso, estive uma vez com o Sr. Secretário, é muito importante porque realmente se tem muito pouco bibliotecário para o nosso Sistema de Bibliotecas que é uma rede enorme, uma rede que é a maior rede de equipamentos da Secretaria de Cultura, independente da questão que já foi levantada de que as Bibliotecas do CEU deveriam fazer parte do Sistema de Biblioteca, e deveriam ser tratadas de maneira como já foi falado, de maneira unificada. É fundamental, porque, inclusive do ponto de vista de indicadores, vira e mexe, por exemplo, o Movimento da Federação de São Paulo faz aquela avaliação de desigualdade na cidade e desconsidera as Bibliotecas do CEU, porque elas vão fazer parte do Sistema de Bibliotecas, então...

A SRA. PAULA STEFANNY FELICE DE OLIVEIRA - Corrigindo, nobre Vereador, faz parte já sim.

O SR. NABIL BONDUKI – Faz parte?

A SRA. PAULA STEFANNY FELICE DE OLIVEIRA - Faz parte por Lei.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. NÃO IDENTIFICADA - Isso é uma coisa que evita repetidamente que a biblioteca não é do CEU.

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 27 DE 50

Eu digo para a população: biblioteca pública localizada dentro do CEU. Isso faz toda a diferença porque o cidadão sabe que ele pode utilizar a biblioteca do bairro, a biblioteca que está localizada dentro do CEU e a todas as bibliotecas. Isso é uma discussão durante muitos anos, é muito complicado.

Como o cidadão escolhe o cartão dele, faz na biblioteca localizada dentro do CEU, serve na biblioteca vizinha, serve em qualquer espaço da cidade, que tem dentro, o olho dele brilha.

Então, eu passo aqui o meu depoimento e peço, para que vocês nos ajudem nessa luta, porque todo início do ano a gestora faz essa conversa com as pessoas, com os idosos, e as pessoas não entendem que elas podem usar o espaço.

O SR. NABIL BONDUKI – Exato.

A SRA. NÃO IDENTIFICADA - E não é só para a escola.

O SR. NABIL BONDUKI – E a ideia do CEU sempre foi...

- Manifestações simultâneas.

A SRA. NÃO IDENTIFICADA - Porque é importante que nesta Mesa tenha bibliotecário que está lá na ponta, que atende no território, para que também possamos falar exatamente... Porque acabam falando coisas aí na frente que não tem...

- Manifestação do público.

A SRA. NÃO IDENTIFICADA – Não é sobre isso, gente. Não é sobre compartilhar um sistema, compartilhar um prédio. Estamos falando sobre compartilhar políticas, experiências, sobre compartilhar, eu acho, que é para muito além da questão de um Sistema Alexandrino como o nobre Vereador Professor Toninho Vespoli disse, onde compartilhamos a mesma matrícula, todos pesquisam o mesmo livro e localizamos... Esse trabalho, as bibliotecas de bairro já fazem de “Olha, eu não tenho aqui. Eu sou da biblioteca do Butantã, Camila Cerqueira César, a biblioteca mais próxima é a do CEU Butantã”. Então eu falo “Olha, não tem aqui na minha biblioteca, mas no CEU Butantã vocês encontram”.

Então, acho que esse trabalho, isso para nós, já é comum. Acho que não é sobre isso, quando falamos de um sistema, é compor um sistema onde possamos unir esforços, discutir as necessidades, discutir as políticas públicas. Acho que é nesse sentido que acaba havendo essa divisão entre Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas, na qual estamos as 54, mais os equipamentos de extensão e as bibliotecas dos CEUs, que estão vinculadas à Educação. Acho que é aí que existe uma barreira, vamos dizer assim, porque estamos em Secretarias diferentes, as aquisições são diferentes, então a compra é diferente, é tudo diferente.

Acho que é sobre isso, sobre construirmos uma unidade para juntos, CEUs, bibliotecas de CEUs vinculados à educação e bibliotecas da cultura vinculadas à Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas façamos construções conjuntas.

O SR. NABIL BONDUKI – Exato. Eu acho que essa que é a questão e a outra questão que acho que é fundamental, também já foi falado aqui, é que as bibliotecas são pontos de cultura. Elas não são simplesmente um lugar dos livros, o lugar da leitura, são referências importantes para as atividades culturais, desse ponto de vista, do circuito municipal de cultura, da inclusão das bibliotecas, já fazem parte do Sistema Municipal do Circuito Municipal de Cultura. Mas, isso precisa ganhar uma dimensão mais ampla, porque as bibliotecas formam a rede que está mais capilarizada dentro da cidade, de todos os equipamentos, mais que as Casas de Cultura, mais do que os teatros, mais do que os outros equipamentos que fazem parte do sistema.

E finalmente, acho que é...

- Manifestação do público.

O SR. NABIL BONDUKI – E vou falar sobre isso. Queria finalmente falar sobre isso.

Acho que o orçamento, hoje, da Secretaria de Cultura, é um orçamento, podemos dizer que é baixo, mas ele é muito maior do que era há 10 anos atrás, quando fui Secretário. Ele é o dobro, aproximadamente. Só que isso não está se refletindo numa melhoria efetiva das condições nas bibliotecas, como vocês sabem. Por exemplo, na questão de pessoal, o último concurso foi feito foi 2015, portanto, não temos uma ampliação de funcionários. Tivemos muita

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 29 DE 50

aposentadoria neste período, tem tido, e o orçamento é muito pequeno frente à importância da biblioteca como o equipamento público.

A Prefeitura de São Paulo hoje tem um orçamento recorde, a Secretaria de Cultura tem um orçamento recorde. A Virada Cultural que gastávamos há 10 anos, aproximadamente R\$ 12, 13, 14 milhões, nesta última Virada Cultural se gastou quase R\$ 60 milhões, ou seja, umas 4 vezes mais, aproximadamente, 3, 4 vezes mais. E isso, significa que existem recursos, mas os recursos precisam ser melhor distribuídos entre as várias áreas da Secretaria de Cultura, que tem uma amplitude muito grande de equipamentos e de trabalho.

Acho que a revisão do Plano Municipal de Livro, Leitura, Biblioteca, Literatura é muito importante neste momento. Ele pode ser, pode alavancar um processo para que possamos propor, inclusive, essa ampliação do orçamento e enfrentar os vários problemas que são enfrentados pelas bibliotecas hoje, em São Paulo.

Eu queria só falar uma última coisa. Você falou aqui “Ah, a *internet*”, não sei como é que está isso hoje, implantamos o *wi-fi* das bibliotecas, acho que está funcionando até hoje.

- Manifestação do público.

O SR. NABIL BONDUKI – Não está? Isso foi uma coisa que planejamos e começamos a implantar há 10 anos e até hoje não funciona.

Isso é absolutamente fundamental, porque claro que o livro físico resiste e é importantíssimo, o livro não desapareceu, as feiras de livro estão aí, pujantes. Então, o livro continua importante, mas o acesso à *internet* é muito importante também, e acho que é uma outra coisa fundamental hoje para poder dar acesso gratuito à *internet* nas bibliotecas para que elas possam realmente ser um polo de cultura, onde as pessoas vão para terem acesso, terem acesso à *internet* e a outras formas de acessar o livro, a literatura, que não apenas o livro físico.

Então, são questões que acho que é o momento propício na Câmara e precisamos ter uma Bancada do livro, Professor Toninho Vespoli.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) –Pois é, a Bancada do livro, e não da bala.

O SR. NABIL BONDUKI – Com certeza.

Então, vocês podem contar comigo para isso. E acredito que o Professor Toninho Vespoli está nessa e nós podemos ter outros Vereadores para poder dar força para essa luta das bibliotecas e dos bibliotecários.

E quero cumprimentar a todos aqui pelos 90 anos das Bibliotecas, na verdade, 90 anos, mas a Biblioteca Mário de Andrade, que era a Biblioteca Municipal, é anterior a isso.

Muitos não sabem, mas a Biblioteca Mário de Andrade começou como biblioteca da Câmara Municipal. Foi a biblioteca da Câmara que gerou a primeira, vamos dizer assim, que foi transferida para criar a primeira biblioteca pública aqui da cidade de São Paulo.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Agora, vamos escutar a Sra. Ana Lúcia Lopes.

Depois, a Sra. Zaira Regina.

A SRA. ANA LÚCIA LOPES - Boa noite.

Sou a Ana e agradeço à Mesa pela oportunidade. Também acho superimportante esta audiência pública, porque nós que trabalhamos na ponta, como já foi muito bem-dito pelo Sr. Miro, pela Sra. Durvalina, é um exercício constante. Há 16 anos, para vocês terem uma ideia, eu digo que as bibliotecas localizadas dentro do CEU, fazem parte do Sistema de Biblioteca Pública. Há 16 anos.

E isso acarreta no nosso dia a dia... Como? Nós temos um planejamento de atendimento, temos a creche, a pré-escola e a escola do fundamental 1 e 2. Temos os analistas de esporte que oferecem atividades. Tudo isso dentro do Complexo CEU, que tem uma gestão, o que deveria ser intersecretarial porque envolve várias Secretarias para além da Secretaria de Educação, porque também tem a questão da Secretaria de Ciência Social, que às vezes, também, solicita trabalhos lá no CEU, e nós, agora, estamos atendendo a UBS, o Clube de leitura dos idosos da UBS.

Se eu digo que a biblioteca é da educação, o que interpretam? Que a biblioteca é só para a escola? A pessoa que faz hidroginástica não vai entrar na biblioteca? Porque a escola não tem a biblioteca escolar, então temos que ter esse diálogo com o professor, com o supervisor, com todos que fazem parte do complexo que é da administração do CEU, para nos organizar na programação. E tenho que reforçar sempre, como todos os colegas, que a biblioteca é pública, porque se não tem um menino andando lá no CEU, entra na biblioteca, e alguém acha que ele não pode entrar porque ele não é aluno daquela unidade. Nós somos vizinha da Etec.

Então, o conceito de biblioteca pública dentro do manifesto de biblioteca pública nos dá condições legais como instrumento. É por isso que eu me exaltei, porque já fomos vítimas, por exemplo, de um cancelamento de uma roda de leitura. 40 mulheres se inscreveram para conversarmos sobre o livro *Sexo Estranho*. Foi aprovado num Conselho, fizeram inscrição, e foi cancelada. Por que foi cancelada? A mesma autora se apresentou na biblioteca de bairro. Olhem o conflito! Sim, porque, a biblioteca escolar é da educação e tivemos que cancelar. Foi constrangedor, porque o livro dela foi aprovado pelo ProAC, tudo dentro das regras... Isso é um dos exemplos.

Este ano, nós também... Esse ano ou no ano passado, tivemos uma situação na biblioteca que ocasionou ter que chamar o bombeiro, e como estávamos todos amparados no nosso discurso, na nossa fundamentação legal, não houve problema, porque estamos na ponta, temos todos os públicos, o CEU faz parte da política pública intersecretarial.

Estamos atendendo ao Clube de leitura com os idosos. Fizemos um planejamento, tem outros idosos interessados, tem o pessoal da Etec que não estuda nesse Complexo que são do Ensino Médio. E trabalhamos com todas essas facetas, sendo em três bibliotecários.

Então, peço que vocês repensem. Todas essas 48 são nas pontas. Os colegas tentam fazer o melhor que podem dentro da estrutura que se tem. Eu vou dar um exemplo, quando a Paula falou que ia para a Secretaria de Educação, achei que só ela seria pouco. Imaginem: uma bibliotecária apenas, dentro de todo aquele ambiente da Educação. É uma

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 32 DE 50

questão de comitê para discutir todas as políticas envolvendo as bibliotecas, as quais estão localizadas dentro dos CEUs.

Outro exemplo: na nossa comunidade, a biblioteca estava sem nome. E nos chegou a proposta para denominá-la Thaís Matarazzo Canteiro. Houve reunião do Conselho Gestor, que tem diversas pessoas participando. Foi levado para o Conselho, que aprovou desde que fizéssemos as atividades e multiplicássemos essa informação. Ou seja, ficamos mais de 7 meses trabalhando com o nome dessa autora. Depois, voltou para o conselho e foi novamente aprovado. Vejam quanto envolvimento participativo em uma biblioteca, localizada dentro do CEU. Mediante isso, foi encaminhado para a Câmara de Vereadores e aprovada a denominação, em maio. Então, está prevista a entronização do nome da biblioteca.

É nesse contexto que alerto sobre quantas pessoas de várias idades participam do sistema de biblioteca pública.

Adoro trabalhar dentro da biblioteca que está dentro do CEU. Foi uma opção minha, de caráter pessoal. Estive em outra biblioteca que não era municipal, onde desenvolvi um trabalho também muito bacana.

Por isso, quando ficamos meio ansiosas, e até nervosas, é porque sentimos que é algo repetido: “Ah, a biblioteca da educação, da educação”. Vejam: a educação não implantou a biblioteca escolar. Se a educação tivesse implantado, eu falaria outra coisa, entendeu? Não só eu, mas nós todos falaríamos diferente, porque se a biblioteca está dentro da escola, significa que eles têm a biblioteca própria deles. Se eles não têm, têm de conviver com a programação que envolve o território. A biblioteca não é da creche, não é da alçada da escola. Portanto, não é só da escola, é de todos dos territórios.

O munícipe que não tem, como disse a Durvalina, a cultura leitora, isso muda quando ele entende que faz a diferença na vida dele. Todo munícipe que entra para fazer a matrícula, nós falamos sobre isso. Falamos para todos os munícipes. Não tem um que não entra na biblioteca e que sai de lá com os seus direitos adquiridos no seguinte sentido: “Posso usar outras bibliotecas, porque esse cartão faz a diferença”. Na FLI Sampa, falamos para 400 pessoas. Por

que? Porque está fazendo a diferença na nossa vida, no nosso cotidiano.

É só isso que eu queria reforçar, lembrando que sempre estamos dando entrevistas para pesquisadores para explicar e explicar. Portanto, acho importante ressaltar essa questão do que impacta o nosso dia a dia.

E as bibliotecas distantes são mais difíceis de participar desses eventos, quando é uma oportunidade de explicar tudo isso.

Temos feito assim e sabemos que é um trabalho de formiguinha. E a nossa gestora tomou esse objetivo para ela e, todo começo do ano, todos os professores recebem essa informação. Por que? Uma vez que tem a educação integral, os horários são bem complexos. Vocês já imaginaram, na educação integral todo mundo agendando mediação de leitura, um atrás do outro, como os demais do território usariam? Temos de negociar.

E, muitas vezes, o próprio professor não sabe dessa informação. Eles falam: “Ah, eu não sabia”. Então, assim, é um hino.

Obrigada e desculpem por me expressar tão longamente. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Quero aproveitar, convidamos um representante da Secretaria de Cultura, porém, fui informado que não nos deram resposta. A própria Ana conversou, pessoalmente, com o... (Pausa)

Porém, vamos mandar essa audiência para as 2 secretarias.

Agora, é a Sra. Zaira Regina.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – A audiência pode ir até as 22h.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Está bem. Pode ser, a princípio, 3 minutos? (Pausa) No máximo, estourando, 5 minutos? Pode ser assim? Até agora, pelo menos comigo... (Pausa) Tem outra folha aqui, só um minuto.

Depois da Zaira, tem mais um, dois, três, quatro inscritos. Tá bom?

A SRA. ZAIRA REGINA ZAFALON - Prometo que serei breve. Boa noite a todos.

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 34 DE 50

Meu nome é Zaira Regina Zafalon. Estou representando a Associação Brasileira de Educação e Ciência da Informação, que é responsável pelos cursos de biblioteconomia, ecologia, museologia, gestão da informação.

Quando recebi esse convite da Dalgiza, foi com muita sensibilidade aceitei, pois essa pauta da biblioteca pública e sua importância não podem ser deixadas de lado.

Moro em São Carlos. Demorei seis horas e meia para chegar hoje. É mesmo um trajeto um pouquinho longo. Apesar disso, serei breve para que, também, eu não perca meu ônibus na volta, pois darei aula amanhã. Trabalho na Universidade Federal de São Carlos.

Dito isso, preciso comentar com vocês que vejo a biblioteca e, principalmente, a biblioteca pública, como um instrumento de educação.

Não poderia me eximir, nem de fazer o luxo de trazer minha contribuição, apesar de saber alguns riscos de vida que poderia correr na atual cidade de São Paulo, mas não poderia deixar de vir e negar os ensinamentos que Paulo Freire nos traz.

Então queria só elencar alguns pontos, até para que fique registrado. (Pausa) Alguém deixou aqui... A colega anterior deixou o celular, só avisando. Obrigada (Pausa)

Tem uma fala do próprio Paulo Freire, que gostaria de iniciar por ela: “Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Vejo na fala de todos vocês que existe um certo incômodo, sim, e ele é legítimo, mas ele precisa ser mais. A esperança, ela não só não ganha a luta, mas sem ela, a luta fraqueja e titubeia”. Portanto, momentos como esse me fazem parabenizar a todos vocês que estão presentes nessa Mesa, porque incitaram esse movimento, e o quanto ele é importante.

Queria retomar alguns pontos para dizer que, para além da questão de a biblioteca ser vinculada como um instrumento cultural, como um instrumento de fomento à leitura, vejo a biblioteca para além disso. Por isso, gostaria que retomássemos, pois as bibliotecas têm condições e, se não têm, é exatamente uma situação como essa que está prevista para acontecer, fazer delas um acesso democrático à informação e ao conhecimento.

Tive a oportunidade de conhecer bibliotecas em outros estados. Houve um primeiro

estranhamento quando conheci uma biblioteca na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. Eles têm curso de preparar salgadinhos de economia doméstica, cursos para que se promova a própria comunidade e a sua forma também de sobrevivência. Acho que o papel da biblioteca ele vai para além da questão de fomento à leitura, porque as pessoas não conseguem ler o “mundo”, as pessoas não conseguem participar ativamente.

O que muito me alegrou na fila, e fiquei feliz porque chegou esse pequeno cartaz sobre a questão da educação popular. Não podemos nos esquecer disso também. Vou elencar alguns pontos.

Quando falamos de acesso democrático à informação, ao conhecimento, estamos falando de igualdade de oportunidades. E é muito diferente o que se tem, normalmente, em bibliotecas mais nos centros, do que aquelas mais afastadas. É importante, repito, não esquecermos disso nos movimentos.

Temos de combater a exclusão digital e eu retomo a fala do Vereador, no sentido de que há iniciativas tão boas e, portanto, precisamos também de recurso para continuar a fazer valer esse acesso à *internet*. Caso contrário, vamos ser dominados pelos planos de telefonia móvel, que oferecem WhatsApp gratuitamente, direto no plano. Às vezes, a banda é oferecida para navegar em outras plataformas mais o WhatsApp e, na verdade, o “tiozão do zap” acho que ninguém quer mais, não é mesmo?

Outro ponto é o quanto a biblioteca também é voltada para a educação e aprendizagem ao longo da vida. E muito me alegra a fala anterior da colega, quando ela menciona as pessoas da terceira idade que estão frequentando a biblioteca. Mais uma vez, não podemos esquecer também disso: a biblioteca pública não é só para atender a plateia de biblioteca escolar. De novo: não é só a questão de formação de leitores, é um papel continuado. Precisamos, sim, delas.

Teve uma biblioteca que conheci no sertão de Pernambuco. Lá, eles têm muitas atividades e, entre elas, a contação de histórias. Mas, vejam, não as histórias em livros e, sim, histórias de vida. Aquele momento lúdico de que alguém se senta e conta a história. É assim que

observei também o quanto conseguimos promover ações de identidade e formação cultural por meio de histórias que muitas pessoas, os próprios moradores antigos do bairro conseguem reviver.

Hoje mesmo, em conversa com as minhas nobres colegas da FESP, professora Isabel e professora Valéria, falávamos justamente sobre isso: o quanto determinados movimentos em prol das bibliotecas sempre se fizeram presentes, e o quanto precisamos deles. Não podemos esquecer a memória disso também.

Já terminando, além da questão de cultura, lazer e enriquecimento pessoal, outro momento é o espaço comunitário de inclusão social. Nesse ponto, entra a questão de desenvolvimento econômico e cidadania. Não dá para pensarmos a biblioteca sem pensar em educação e sem implementar a formação cidadã. As pessoas precisam saber exatamente para que elas estão estudando, qual é o papel de cada um de nós. Digo “nós” não enquanto promotores desses ambientes, mas nós enquanto pessoas que precisamos saber quais são os verdadeiros mecanismos para reivindicar nossos direitos.

Com isso, encerro minha fala, destacando esse papel que não é só das bibliotecas, mas também das escolas de biblioteconomia, dos profissionais e da própria sociedade, que devem ter um vínculo importantíssimo, porque só conseguiremos se tivermos como exercer nossa cidadania. Realmente, não podemos fechar os olhos para muitas coisas que estão acontecendo.

Obrigado aos colegas, parabéns a todos, mais uma vez. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Próxima oradora. Luiza Camargo.

A SRA. LUIZA CAMARGO - Olá, tudo bem? Boa noite. Sou a Luiza, militante do Movimento Luta de Classes e sou também uma trabalhadora terceirizada da biblioteca Cora Coralina, que fica em Guaianases.

Primeiro, quero saudar a Mesa, saudar colegas que falaram antes. Essa audiência está sendo muita proveitosa, é um espaço para podermos compartilhar nossas ideias e aquilo

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 43

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 37 DE 50

que acreditamos enquanto projeto não só para a educação, mas para a cultura mesmo. Esses espaços tão importantes que temos, as bibliotecas são, inclusive, bens históricos, resultado e fruto de muita luta, que temos de preservar com muita garra.

Queria muito dar essa minha contribuição, porque fui contratada com mais 110 pessoas para trabalhar nas bibliotecas, quiosques e pontos de cultura.

Essas pessoas são, hoje, responsáveis, não só pela biblioteca, mas também em vários pontos. Alguns são quiosques que temos de abrir. Nem sempre há servidores municipais para atender essas pessoas. Somos nós que atuamos. E isso é fruto diretamente da política de desmonte do Prefeito Nunes, das nossas políticas de cultura.

Por isso estamos, nesse momento, precisando denunciar isso. Já falamos sobre isso. Todos nós estamos em concordância de que isso é verdade. A biblioteca Cora Coralina tem uma “pingueira” de acesso e ela não para, além de crescer mato no teto. Já perdemos vários livros por conta da umidade. O CEU de Artur Alvim, que fica também na zona Leste, até hoje, nada se fez quando o teto caiu. Vai fazer quase um ano e até agora não foi reformado. Essa é a condição que temos nas nossas bibliotecas.

É a verdade, pois estamos nesse espaço justamente para debater como é que vamos sanar isso? Precisamos de luta. Não podemos mais nos bastar a nos acostumarmos com isso. Não queremos chegar nas nossas bibliotecas e não termos condições mínimas para atender as pessoas, de não termos pessoas para trabalhar. Teremos de aceitar, para sempre, só doação? É isso.

Eles têm de vir sim, eles têm dinheiro. Estamos na cidade mais rica da América Latina que está fechando os olhos para a nossa cultura, vendendo os CEUs. E, agora, esses novos CEUs, já produto da parceria público-privada, são a lógica do lucro acima da cultura e da arte da nossa cidade.

Acho, inclusive, que a professora falou muito bem antes de mim. Existe um papel muito grande de levar nossa cultura, a cultura popular, dentro da biblioteca Cora Coralina. Saibam, que todos os dias recebemos pessoas falando que frequentavam nossa biblioteca

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 38 DE 50

quando eram mais jovens, e que se sentem muito tristes de ver a biblioteca vazia, de ter poucas pessoas frequentando e percebem que há, a cada dia, menos livros. É isso.

Assim, não é culpa nossa, nem dos servidores, nem das pessoas que trabalham lá. Não é nossa culpa. É culpa desses indivíduos que estão entregando os nossos serviços na mão desses banqueiros, desses empresários.

Queria finalizar minha fala, porque já dei meu recado. Mas devo reafirmar que precisamos ir à luta mesmo. Precisamos ir à luta! Os servidores municipais estavam, há um mês, em greve. Eram os servidores de Campinas, da Baixada, de Taboão da Serra, todos estão em greve. Também nós precisamos fazer uma luta grande. Se eles não vêm nos escutar nesse espaço, temos de ocupar onde eles estão, para que nos ouçam. Eles têm de nos ouvir. Nós somos aqueles que levantamos a cidade de São Paulo. Nós atendemos os filhos da classe trabalhadora. Devemos ter não só o mínimo, mas todas as condições de atender as pessoas.

- Oradora passa a se referir a um veículo de comunicação.

A SRA. LUIZA CAMARGO - Esse é o jornal A Verdade. É uma mídia independente. Nessa quinzena, apresenta uma matéria sobre os trabalhadores da cultura federal, no Rio de Janeiro, que estão em greve. Estão em greve porque a cultura tem de ser valorizada sim! A arte tem de ser valorizada sim!

Não é dez em dez anos que tem de comprar livro de arte. Tem de ser livro de arte atualizado, porque as crianças, as nossas futuras gerações, as próximas gerações só vão se interessar se tivermos para oferecer títulos de qualidade.

As pessoas chegam nos lugares e querem ser mal atendidas? Não. Queremos ter qualidade, todos merecemos. Temos de colocar isso na cabeça. Temos de erguer nossa cabeça mesmo e ir à luta. Estamos muito certos no que estamos fazendo, ou seja, reivindicando nesse espaço, próprio para isso.

Aliás, quero saudar bastante essa iniciativa que temos nesse momento. Vamos continuar em luta. O Movimento Luta de Classes faz greve junto aos servidores. Estamos junto nessa luta também, porque não dá para continuarmos nessa situação.

Se não lutarmos, eles entregarão todos os nossos serviços e não podemos deixar isso acontecer. É isso. Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Sra. Andreia Batista, do Conselho Federal.

A SRA. ANDREIA BATISTA - Boa noite a todos e a todas. Quero saudar a Mesa. Fiquei emocionada com a Luiza. É seu nome?

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. ANDREIA BATISTA – Luiza Camargo. Fiquei emocionada com você. Acho que ela disse muitas coisas que precisamos levar para nossa vida e para nossa luta.

Esse espaço realmente retrata um momento ímpar. Alguns bibliotecários estão presentes, mas alguns faltaram. Bibliotecários, precisamos ocupar mesmo esses espaços de fala.

Percebo que estamos muito acomodados. Ficamos muito acomodados nas nossas mesas, muitos envolvidos nos processamentos técnicos, outros correndo do atendimento ao público. Porém, esse momento fez com que entendamos o que a sociedade deseja de nós. E a gente precisa ocupar esses espaços, estar aqui falando, estar ali assistindo. Porque existe um monte de projeto, existe um monte de lei e nenhuma para ser executada.

Eu sou de Pernambuco. Faço parte de uma biblioteca pública de Pernambuco, sou concursada lá desde 2006, e também sou sindicalista; sou da direção de um sindicato. E sou bibliotecária de um sindicato, dos maiores sindicatos da Educação. Lá, a biblioteca pública estadual é da Educação. Existem bibliotecas municipais que são da Educação, outras são da Cultura. O Compaz, que é parecido com o CEU daqui, é da Secretaria de Segurança Cidadã da Prefeitura de Recife, baseado no sistema de Medellín; foram lá, viram como era e executaram. Então, acho que é muito parecido com o CEU daqui depois que eu escutei. E o que falta? Recurso. Cria-se e não se tem como manter.

E o que falta muito é a gente fazer esse tipo de grita A gente tem que parar e ir para a trincheira de guerra e mostrar a nossa profissão. E, Vereador, quando o senhor falou, a Dalgiza

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 40 DE 50

e eu olhamos uma para a cara da outra; não é a Bancada do Livro, é a Bancada da Biblioteca. É o que a gente precisa aqui, em todos os espaços. Por que a gente escolheu aqui para lançar um grupo de trabalho com biblioteca pública? Porque São Paulo é uma referência no sistema de bibliotecas públicas. Assim, não teria um lugar melhor para a gente fazer, que não fosse aqui. Então, o Conselho Federal está lançando esse grupo, essa comissão de trabalho, para que a gente possa fazer um trabalho a nível nacional, sim, mas sozinho a gente não faz.

A gente precisa de pessoas assim, como Luiza, que não tenha medo da fala, que não tenha medo de cobrar, porque a gente tem a obrigação de cobrar. E eu queria deixar só essa fala para vocês como uma reflexão, de que a gente precisa trazer mais pares nosso para essa luta, para a gente mostrar nossa importância, para a gente mostrar que a biblioteca vai além de uma estante, de um livro na estante e de uma ordem de classificação; é muito maior que isso.

É isso. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Temos três inscritos. Só vou ler os nomes: Lilian Laurenti, depois Giovana Alcantara e Anselmo Renato. Então, agora é a Lilian.

Foi embora? Então, próximo: Giovana Alcantara.

A SRA. GIOVANA ALCANTARA – Boa noite, tudo bem? Eu me chamo Giovana, eu tenho 19 anos, não sou bibliotecária, mas sou estudante. Eu sou a pessoa, a categoria, que deveria se aproveitar da cultura e dos ensinamentos que bibliotecários e a biblioteca ensinam para a gente. Porque o conhecimento nunca é demais, a gente deve sempre buscar.

Entrei no ensino médio na época da pandemia; eu fui uma das cobaias do novo ensino médio, que é esse ensino sucateado que a gente tem hoje, que não é um ensino que busca criar pessoas que tenham senso crítico, que busquem conhecer mais. Não. Que sejam operários, que sirvam para trabalhar e servir, que não tenham conhecimento mais aprofundado, que não tenham interesse em buscar pelo conhecimento. Com a entrada dos celulares, da *internet*, a gente percebe que houve ainda mais essa precarização na busca por livros, pela literatura.

Eu lembro até hoje que, quando eu estava no fundamental ainda e morava em Pirituba, tem uma biblioteca que é próxima da Sabesp que tem lá na região, no parque São Domingos – se eu não me engano, eu não vou saber informar o nome –, e nessa biblioteca forneciam cursos de teatro, cursos de desenho, cursos de *breakdance* e tinham rodas de conversa, rodas de literatura. E tudo isso são coisas que a gente acaba sentindo falta conforme não tem um incentivo. Coisas que eu não teria acesso por viver numa família pobre, uma família que não teria dinheiro para pagar por esse estudo, por esse ensino, que eu conseguia por causa das bibliotecas.

A gente vive, infelizmente, num sistema, numa sociedade, em que eles deixam que o ensino seja escasso, porque, quanto mais você sabe, menos você obedece, menos você é capaz de aceitar ser só mais uma marionete do sistema. Então, a gente precisa, sim, continuar incentivando o ensino. Por eu ser, como eu disse, de uma família pobre, infelizmente, eu tinha que conciliar os estudos e o trabalho para ajudar na renda familiar. Mas, conforme eu consegui administrar meu tempo melhor, já estou com quatro livros já na minha lista, porque a gente tem que fazer essa leitura – e todos eles da biblioteca. A gente tem interesse em pegar mais, mas eu não posso, porque a gente tem que se reger.

Acredito que seja isto: que a gente não possa deixar com que o ensino e o incentivo ao ensino morram, e principalmente nós, que somos estudantes, seja de faculdade, seja do ensino médio, seja de cursos técnicos profissionalizantes, nós somos uma das classes mais revolucionárias que existem, porque a gente precisa buscar sempre o conhecimento. É com conhecimento que a gente tem essa noção que nós precisamos, sim, revolucionar tanto o sistema educacional – o sistema em que nós vivemos hoje –, quanto as escolas, e acabar com esse novo ensino médio, que é um sistema precarizado, que continua cada vez mais nos jogando, estudantes, para a vala, para o fim, para a base da sociedade, que é ser operário, que é ter nenhum conhecimento e não ter interesse em buscar conhecimento.

E a gente coloca isso, essa esperança, também muito em vocês, bibliotecários, muito nos professores, que, afinal, eu acredito que sejam as profissões mais importantes do mundo.

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 42 DE 50

Porque professores formam advogados, formam políticos, formam médicos. E os professores, principalmente na época antes dos celulares, conseguiam livros com os bibliotecários. Antes, não tinha *internet* para pesquisar, a pessoa tinha que recorrer a enciclopédias. Pessoas precisavam da biblioteca muito mais do que acham que precisam hoje, mas ainda precisam, porque, se o celular dá problema, você ainda vai ter como buscar conhecimento nas bibliotecas; se a *internet* do mundo parar, ainda vão existir as bibliotecas, ainda vai existir a resistência que é a do ensino, que nunca pode morrer. Muito obrigada. (Palmas)

Só uma coisinha que eu acabei esquecendo de falar: eu estou com a camiseta, mas eu sou da unidade popular. Eu estou também em conjunto com a Luiza, que fez essa fala maravilhosa. Eu quero pedir outra salva de palmas para a sua fala, que foi muito boa.

Muito obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – O último inscrito, Anselmo Renato.

O SR. ANSELMO RENATO – Boa noite a todos, Vereadores, público presente. Sou Anselmo Renato. Eu estava lá em cima agora naquele evento maravilhoso que está tendo paralelo a esse sobre educação, com a presença do Ministro da Educação. E tem tudo a ver com leitura, com biblioteca, com estudos. Desci até aqui para entregar alguns panfletinhos do Uneafro; acho que vocês conhecem. E eu me inscrevi aqui por razões muito específicas em relação às bibliotecas, principalmente a Mário de Andrade, que há sete anos eu frequento bastante.

É o seguinte: o que precisa para a Biblioteca Mário de Andrade? Tem alguém aqui da Biblioteca Mário de Andrade? Se tiver alguém, eu gostaria que se identificasse, por favor. O que precisa para a Biblioteca Mário de Andrade voltar a funcionar 24 horas por dia? Essa é uma das perguntas que eu queria fazer. E sugerir também, por exemplo, verbas, patrocínios, reformas, chamar *freelancers* que arrecadem verbas junto a empresários que queiram patrocinar, dar uma força. Cada um faz a sua parte dessa forma.

Mas voltando à Biblioteca Mário de Andrade, lá abre às nove horas da manhã e fecha

às nove horas da noite. Só fica acessível então a quem tem condições de estudar nesse horário. Porque o trabalhador mesmo vai estudar à noite; ele vai chegar lá, vamos supor, e vai ter disponível para estudar um local apropriado, que é uma biblioteca gigantesca, maravilhosa; ele vai ter condições de estudar em um local apropriado no horário em que ele sair do seu trabalho ou antes de entrar no trabalho. Ou seja, não vai ser às nove horas da manhã e nem às nove horas da noite. Vai ser antes das nove da manhã e depois das nove da noite. Só que nesse horário a biblioteca vai estar fechada. Então, é investir em educação, investir em estudos, em um local apropriado, condições dignas para se ler um livro, até mesmo se utilizar um computador, um *tablet*; tem que ser num local apropriado para estudar. Vai estudar na sua casa: está tendo barulho. Vai estudar onde? Na chácara? No meio do Mato? Numa praça? Não tem como.

Para o cidadão estudar, ele tem que ter algumas regras: comer bem, dormir bem; não dá para estudar de barriga vazia, que a fome vai atrapalhar o raciocínio de qualquer pessoa, a concentração. Não dá para trabalhar, para ler, estudar, com sono – porque o sono vai atrapalhar a absorção mental, que se grave aquilo na cabeça. Não dá para trabalhar com sono e com fome. A pessoa tem que dormir bem, estar bem alimentada e em um local apropriado, um local digno para se estudar; é preparar um ambiente com ar, enfim, condições climáticas apropriadas. Se estiver com frio, também não vai conseguir se concentrar.

Então, há muito tempo que eu queria me manifestar para que a Biblioteca Mário de Andrade e outras bibliotecas funcionassem 24 horas por dia ou fechassem à meia-noite, ou abrissem cinco ou seis horas da manhã, para que as pessoas mais pobres, a classe trabalhadora, tenham condições dignas também de frequentar um ambiente apropriado para estudar, seja para se preparar para um cursinho, seja para poder se preparar para um concurso público, já que são cargos que garantem um salário melhor. São essas algumas das minhas falas.

Tem outras também: eu me mudei para São Paulo há sete anos; antes eu estava morando em Limeira; minha família é daqui de São Paulo, minha mãe da zona Sul, Capão Redondo, Chácara Santa Maria. Na época em que a minha mãe começou a morar lá com meu

pai, ao lado de favelas que eram barracos de madeira – hoje não tem mais barracos de madeira lá no Capão Redondo. Então, eu vim para cá, para São Paulo, há 7 anos; estou morando aqui no Bela Vista há sete anos, nos arredores da Câmara – a primeira rua onde morei foi a Japurá; segunda rua, Abolição, morei nela também; enfim, em várias. O outro prédio, na Esquina da São João com a Conselheiro Crispiniano, a Prefeitura lacrou; tem minhas coisas lá dentro do prédio. Então, o que eu quero dizer para vocês e que tem a ver com a biblioteca? Eu frequento muito a biblioteca, muitas vezes. E agora tenho algumas reclamações, alguns pontos que eu gostaria que fossem levados muito em conta.

Deixei minha mochila lá no guarda volumes. Às vezes, esqueço e vou embora. Peguei 30 dias, período em que fiquei impedido de guardar a mochila lá. Daí, se eu saio, vou comer alguma coisa, eles agora estão me barrando de guardar a mochila lá. Se eu sair da biblioteca, então eu tenho que levar a mochila pesada – aqui, a minha mochila está lá em cima; nela tem guarda-chuva, que todo paulistano tem que carregar; guarda-chuva, blusa de frio; o tênis da roupa do trabalho; a roupa que você vai para o lazer; roupa da academia. Então, a gente carrega a mochila. São Paulo tem três ou quatro climas no mesmo dia. Por exemplo, está chovendo num lugar; a gente pega o metrô, está calor, ou está frio.

Outro assunto importante também é que eu marco um encontro com as pessoas na biblioteca. E muita gente para quem eu apresentei a Biblioteca Mário de Andrade nunca tinha entrado numa biblioteca na vida. Então, eu apresento os vários andares, apresento o terraço, e eles: “Puxa, que incrível isso aqui. Maior biblioteca da América Latina. ”

- Manifestação fora do microfone.

O SR. ANSELMO RENATO – Ah, vou melhorar isso. Vai ser uma das coisas que eu vou mudar, uma mudadinha.

Então, os guarda-volumes lá não são usados nem metade, e as pessoas ficam me barrando de guardar minhas coisas lá. São Paulo não tem um guarda-volumes popular. Quem tiver a criatividade de abrir, vai ganhar muito dinheiro. Não tem um lugar em que as pessoas possam guardar sua mochila enquanto vão passear, pedalar, correr. Poderia deixar na biblioteca.

Os funcionários estão lá para isso. Muitos funcionários bem paradinhos lá – três para fazer a função de um – e ficam barrando o ato de guardar a mochila na biblioteca, sendo que muito pouca gente usa. Tem os andares em que não se pode entrar com mochila, acessar livros, documentos; tem que usar até luva. E aí até usei uma estratégia de guardar no outro prédio do lado, que também é da biblioteca. Mas descobriram que eu guardei lá e disseram: “Você está barrado 30 dias, não adianta”. Aí ganhei mais 30 dias. Barrado.

Então, gente, são algumas palhaçadas – até engraçado –, mas o pessoal tem que fazer campanha para as pessoas irem à biblioteca, usarem a biblioteca, conhecerem a biblioteca, frequentarem a biblioteca, guardarem, usarem os guarda-volumes, guardarem suas coisas, e falar: “Temos um guarda-volumes, pode vir de blusa, guardar sua mochila, sua marmita; tem um micro-ondas que você pode usar para esquentar sua comida”. Porque muitas vezes eu almoço lá; compro uma marmita e vou comer naquele terraço maravilhoso, um ambiente super agradável.

E não barrar as pessoas de levar a mochila na biblioteca. Se eu marcar com pessoas que vêm de longe, que querem conhecer a maior biblioteca da América Latina, então ela não vai poder deixar a sua mochila guardada enquanto ela vai no restaurante almoçar; vai ter que carregar o peso. O guarda-volumes está lá é para usar, gente. Que haja mais guarda-volumes, que haja mais pessoas frequentando e utilizando os guarda-volumes.

Deixa eu ver se eu esqueci de alguma coisa aqui que eu anotei no celular. Só um minutinho, gente, a fala é longa, mas são coisas importantes.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – É que eu tenho que passar depois para a Mesa e dar resposta de algumas coisas.

O SR. ANSELMO RENATO – Certo. Só um minutinho. Então, eu queria sugerir a todos das bibliotecas a chamada de *freelancers* para buscarem com... Vamos supor, chama-se 23 *freelancers* e fala-se: “Você vai ganhar metade do que você arrecadar”. Aí eles vão nos empresários; muitos empresários querem doar dinheiro para patrocinar algum projeto – principalmente educativo, uma biblioteca –, fazer alguma reforma. É uma sugestão.

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 46 DE 50

Gente, porque se a gente fica só esperando do Poder Público vai cair o prédio em cima de quem está esperando reforma e não vai conseguir – pode ser que sim, pode ser que não. Mas a gente também tem que dar o nosso jeitinho de fazer por outras formas, porque as verbas públicas são muito limitadas e às vezes não chegam.

Então, é essa a recomendação que eu queria dar. Muito obrigado, gente. Boa noite a todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Anselmo.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Você quer falar? Só faz no microfone, para ficar gravado, porque se não quando a gente mandar para a Secretaria não vão escutar a sua fala. Obrigado.

NÃO IDENTIFICADA – Boa noite. Eu sou bibliotecária aposentada, trabalhei durante 26 anos – dos quais, uns 10 anos na Mário –, desde atendimento ao público até a seção de obras raras, que eu também chefieei. É bom que se saiba que é o maior acervo de obras raras da América Latina – a gente não pode falar isso porque a gente não pode invadir a posse dos outros, mas a gente sabe que é. Trabalhei em biblioteca pública, montei o acervo temático da biblioteca temática de música.

E é disto que eu queria falar: não do que eu fiz, mas da falta que faz a propaganda, da falta que faz informar, da falta que faz publicizar. Os governos gastaram o que podiam fazendo 14 bibliotecas temáticas dentro das bibliotecas públicas. Ninguém nunca ficou sabendo, tirando quem trabalhava naquela biblioteca temática daquele bairro e ia pregar cartaz nos comércios em volta, nos restaurantes, ia falar pessoalmente com o dono da loja, com o dono do restaurante, com quem encontrava na calçada, que ficaram sabendo, ninguém mais sabe.

Na época, a gente tinha um cara dentro da Cultura que até trabalhava na TV Cultura e nunca chamou aquele pessoal do Metrôpoles, por exemplo, para fazer uma entrevistinha de cinco, 10 minutos. Nunca, nunca. Vocês sabem que a gente tem aqui – quem não é de biblioteca, claro, quem é de biblioteca pública de São Paulo tem que saber –, a gente tem biblioteca de

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 47 DE 50

cultura popular em Santo Amaro, que é o lugar mais apropriado, perto do Largo Três de Maio, que é onde a imigração foi maior, que já teve prêmios da Unesco de cultura popular. A gente tem biblioteca de arquitetura e urbanismo com todo o acervo do Prestes Maia, doado pela sua família para a biblioteca, onde está o seu acervo, que é a temática de urbanismo e arquitetura. Temos biblioteca temática de cinema, de teatro, de sustentabilidade, de meio ambiente, em pleno Parque Aclimação – todas bibliotecas públicas.

Se a gente não está sabendo o que o rapaz falou ali sobre a Mário de Andrade, me encheu de felicidade, porque alguém que chegou aqui há sete anos está sabendo um monte de coisa da Biblioteca Mário de Andrade, que muita gente com nível universitário não fica sabendo.

Agora, se a Câmara consegue fazer uma propagandinha do Câmara na Rua, por exemplo, porque é que a Prefeitura, no total, não consegue falar das suas coisas boas? Por exemplo, a biblioteca do CEU. Se você fizer a carteirinha, você pode frequentar qualquer uma das bibliotecas da rede, o Centro Cultural e mais todo o resto. São coisinhas tão pequenas que se mais gente, mais cidadãos ficarem sabendo, muito mais gente entra nessa luta da gente. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Vou passar ao Nabil. Depois, Paula. E aí a gente encerra, está bem?

O SR. NABIL BONDUKI - Vou pedir licença para ver se ainda pego o final do evento com o Ministro e dos cursinhos, que é importante, que tem tudo a ver com essa pauta. Infelizmente, está no mesmo dia, coincidindo.

Queria falar sobre a fala do companheiro da Uneafro, Anselmo, não é? Sobre a Mário de Andrade. Tivemos a Mário de Andrade 24 horas em 2015 até o começo de 2017. Quando mudou a gestão do Haddad para o Doria, acabou sendo eliminado esse programa. A ideia era exatamente essa de ter não só a biblioteca 24 horas, como também ter a entrega e a devolução dos livros pelo sistema automático, que foi criado na época, esse eu acho que ainda funciona até hoje, mas a biblioteca 24 horas não existe mais. Acredito que teria de ser repensado. Eu não sei se 24 horas, mas pelo menos como você falou, até à meia-noite. Adequado.

Inclusive, acho que a gente tem uma questão que é importante, que é a noite em São Paulo. Mas é uma outra discussão e pensar biblioteca como um ponto de apoio, como você falou. Como é um dos equipamentos mais, vamos dizer assim, capilarizados pela cidade, seria bastante interessante porque realmente eu acho que temos falta de pontos de apoio para as pessoas usufruírem o espaço público de uma maneira geral e os equipamentos públicos.

Então, pensar essa rede. Não só as bibliotecas, mas todas as redes de equipamentos municipais como parte de pontos de apoio para o cidadão, é uma coisa muito importante. Seria importante levar adiante.

Quero parabenizar a audiência pública, Vereador Toninho, que coordenou esse trabalho e todos os representantes do Conselho de Biblioteconomia, bibliotecárias de São Paulo, o meu amigo Pascoal, que é uma referência sempre para nós na cultura de São Paulo e na Mário de Andrade.

Quero finalizar dizendo que nosso compromisso é poder ter na Câmara um espaço de apoio para as bibliotecas, para o livro. Quando eu falo o livro, eu estou falando uma coisa mais ampla, porque não são só os livros. Você falou de editoras, da importância também das compras públicas poderem ser um instrumento importante para a manutenção das pequenas editoras para poder democratizar inclusive a produção de livros no nosso país.

Então, eu acho que é livre a biblioteca, a bibliotecária, é toda uma cadeia importante desse setor fundamental para São Paulo. É isso, obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Agora, a Paula.

A SRA. PAULA STEFANNY FELICE DE OLIVEIRA - Vou ser bem breve também.

Queria só rebater a fala do Anselmo. Acho, sim, que tem que ser administração pública que pague a manutenção, a estrutura das bibliotecas, porque a gente tem pilares quando a gente pensa na administração pública que são: a moralidade, a legalidade, a publicidade. Então, eu acho que quando a gente tem os nossos impostos, que eu também pago, sou servidora, mas também pago, a gente vê no que ele está sendo gasto, naquilo que é importante. Você falou o quanto é importante ela fazer parte da sua vida. Acho que a gente tem que garantir, sim, que

REUNIÃO: 21182 DATA: 09/06/2025 FL: 49 DE 50

seja essa fonte da verba que vai garantir, estruturar, revitalizar esses equipamentos, não só a Mário, como todas. Está é só a minha opinião também. Obrigação do Estado. Acho que queria só trazer meu ponto de vista. Política pública e não política partidária. E que a gente leve as bibliotecas nesse sentido.

Enfim, várias falas. Algumas falas me deixaram um pouco assustadas; outras, enternecida, porque é isso. Vejo que ainda continua a luta, continua a participação social e política das pessoas, mas a gente não esquecer, a gente falar a biblioteca, os livros. Tem que ter a compra de livros, tem que ter, sim, mas as bibliotecas são para as pessoas, para todo tipo de pessoas.

Falar que as bibliotecas da cultura, as bibliotecas da educação, não importa qual a Secretaria que ela está designada, ela tem que ter estrutura para funcionar, ela tem que ter estruturas que vão viabilizar o funcionamento dessas bibliotecas.

Fico pensando, às vezes, que ela até caberia mais na Secretaria de Direitos Humanos para gente pensar. Não que eu goste muito do texto do Antônio Cândido. Eu tenho várias ressalvas, inclusive com relação a esse texto, porque ele fala que as pessoas têm de chegar à boa literatura. Então, pontos que eu não gosto. Mas eu acho que a gente tem que entender, sim, as bibliotecas, a literatura, a leitura enquanto um direito humano.

Então, nesse sentido, as bibliotecas são lugares para os livros, para a tecnologia, para os serviços, e elas precisam de estrutura, recursos humanos, mobiliário, arquitetura, acessibilidade. Elas precisam de planos, como os planos municipais e outras legislações, que vão ser construídos coletivamente, que vem o Legislativo. Chamo o Toninho, estava o Nabil, eu ia chamar a importância que tem de vocês também cobrarem as Secretarias para que seja efetivado tudo o que os técnicos, a gente pensa, a gente encaminha, mas a gente também precisa que o Legislativo vá e aponte, que cobre, que seja feita avaliação disso. E da sociedade civil também.

Por fim, quero trazer que acho que é importante que a gente tenha esse momento. O Miro trouxe. A gente já está construindo um calendário de revisão do plano e acho que é

importante vocês acompanhem. Acompanhem nas redes sociais, tem as redes sociais do plano, enfim, outros meios de acessar essas informações. Vocês vão compartilhar os e-mails, então acompanhem para a gente continuar esse diálogo e trazer encaminhamentos concretos, porque a gente aqui falou, falou, falou, falou. O que ficou encaminhado? Não sei. Acho que é isso que a gente vai encaminhar a partir daqui ou para além daqui nessas outras reuniões?

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Paulinha.

Vamos enviar esse material para as duas Secretarias, mas a gente vai oficializar a Secretaria com várias questões que foram apontadas aqui. Vou também convidar o Nabil, se ele também não quer assinar junto com os dois mandatos questionando as duas secretarias. O prazo legal deles responderem o ofício é de 60 dias. No oficioso, chega a 90. Então, entre 60 a 90 dias, a gente também transmite essas respostas das duas secretarias para vocês.

Acho que como a Paulinha falou, é importante a gente comemorar os 90 anos, mas é importante também a gente pressionar. Acho que pressionar enquanto sociedade civil, enquanto Casa Legislativa. Devemos apontar para a Secretaria algumas questões que dão para avançar.

A gente está aqui também, como a Ana falou, para construir. Somos do PSOL, mas não é porque somos da oposição que queremos desgastar o Prefeito. Não. Acho que é construir. Tem algumas deficiências, vocês estão apontando algumas deficiências, o que a gente quer é superá-las. A gente quer estar construindo juntos, no caso, com as duas secretarias. E aí é o bem da sociedade, é o bem comum.

Não havendo mais nada a ser tratado, encerro os nossos trabalhos.

Um abraço a todos e boa noite.